

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290004202

TCC/UNICAMP
M817c
FE

CÁSSIA MORETTI

***CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE
FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL***

CAMPINAS
2009

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

200926853

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CÁSSIA MORETTI

***CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE
FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da UNICAMP, para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do Professor Doutor César Aparecido Nunes.

CAMPINAS
2009

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	TCC
	M817c
V:	EX:
Tombo:	4202
PROC.:	148109
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	14/10/09
CÓD TÍTULO:	467127

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

M817c Moretti, Cássia
Contribuição dos contos de fadas para o desenvolvimento infantil / Cássia Moretti. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : César Aparecido Nunes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Desenvolvimento infantil. 2. Moralidade. 3. Conto de fadas. I. Nunes, César Aparecido. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-215-BFE

Professor Doutor César Aparecido Nunes
Orientador

Professora Doutora Ronney da Silva Feitoza
Segunda Leitora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por tornar o impossível em possível.

Aos meus pais Nahoe e Jobiracy, que permitiram que esses momentos fossem menos difíceis, cuidando sempre de mim.

Ao meu marido Kleber, pelo seu carinho, amor e dedicação, juntamente com meus pequenos bichinhos de estimação que, com apenas um olhar, me enchem de força.

Às minhas irmãs, sobrinhos e sobrinhas, que, apesar de toda bagunça a cada visita, me ajudaram em momentos de distração.

Ao meu irmão Ademar, companheiro das dificuldades, pessoa em que busco sempre me espelhar. Estimo muito sua garra e determinação, minha admiração aumenta a cada dia.

E a todos aqueles que em algum momento durante este trabalho me inspiraram e serenaram a minha alma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a realização deste trabalho ao meu orientador Prof. Dr. César Aparecido Nunes, por sua bondade e generosidade. Sua trajetória de vida é encantadora, minha admiração é imensurável.

A segunda leitora Profa. Dra. Romney da Silva Feitoza, pela sua disposição.

Agradeço as minhas queridas amigas Francis, Aline e Adriana por seu companheirismo e ajuda durante todos esses anos de estudo e também as demais companheiras de faculdade.

E a minha prima Paula, que sempre me ajudou durante os momentos de escolhas.

Essa conquista foi alcançada graças a vocês.

RESUMO

Levando em consideração a preocupação inerente ao desenvolvimento infantil, o objetivo do estudo foi analisar qual a importância e contribuição dos contos de fadas no referido processo. Para tanto, partiu-se do princípio de que a educação pode ocorrer onde não há escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, buscando, através de uma revisão bibliográfica, identificar fatores importantes relativos à evolução histórica da educação no Brasil, o papel da família e da escola nessa etapa, a formação cultural da criança e por fim, verificar se os contos de fadas podem auxiliar no processo educativo.

A retrospectiva histórica mostra-nos que os contos de fadas antigamente eram direcionados tanto às crianças quanto aos adultos. Hoje, apesar de estarem relacionados ao mundo infantil, os mesmos encantam indivíduos de qualquer idade. No entanto, através da análise de alguns contos selecionados, apresentados no decorrer do estudo, foi possível verificar que eles podem influenciar no desenvolvimento humano, pois despertam a imaginação e a fantasia, possibilitando que o indivíduo realize o processo de individualização e de auto-valorização.

Restringindo-se ao tema em estudo, pode-se dizer que os contos de fadas são uma ferramenta capaz de auxiliar na formação da criança, uma vez que, através deles ela vai tomando consciência de situações inconscientes, através da fantasia. Além de divertirem e distraírem as crianças, eles envolvem um caráter pedagógico e psicológico, desde que sejam planejadas ações com a função de esclarecer e integrar os sentimentos, traduzir sonhos e fantasias infantis, e ainda, oferecer a oportunidade de manter um diálogo com as mesmas, onde elas possam expressar seus sentimentos, distinguir o belo e o feio, o bem e o mal. Enfim, podem ser considerados como uma ferramenta capaz de auxiliar na formação, tanto intelectual quanto moral da criança e ainda minimizarem ou resolverem os conflitos internos típicos da infância, conforme demonstram as teorias psicanalíticas.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento infantil, moralidade e contos de fadas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
I – A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA	12
II – FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO EDUCACIONAL DA CRIANÇA.....	14
III – FORMAÇÃO CULTURAL DA CRIANÇA	17
IV – A CRIANÇA E OS CONTOS DE FADAS	25
4.1. Chapeuzinho Vermelho	26
4.2. Joãozinho e Mariazinha	29
4.3. A gata borralheira	35
4.4. Branca de Neve	41
4.5. Reflexão acerca dos contos selecionados	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

INTRODUÇÃO

O estudo em questão procura pensar a criança não com uma etapa cronológica da vida, e sim, como uma condição do homem que é constituída por um processo histórico. Desta forma, é importante refletir sobre a influência que os contos de fadas possam oferecer ao longo do caminho percorrido pelas crianças na constituição de seus conceitos e valores, como também, problematizar as contribuições dos professores para esta constituição no contexto escolar.

Trata-se de um trabalho do campo filosófico, pois, acredita-se que, os contos de fadas devem contribuir para a formação ética e moral das crianças, questões estas que a Filosofia se ocupa, conforme definiu Kant.

Parte-se do princípio de que o ser humano carece de um referencial interno, busca entender o seu existir, procurando assim desenvolver a sua imagem genuína. Assim sendo, verifica-se que os contos de fadas são repletos de sentimentos, posicionamentos, valores pessoais e decisões, fatores esses expressos pelos personagens, os quais, na maioria das vezes, buscam encontrar uma imagem real de si mesmo.

A criança, ao longo de sua história no Brasil, manteve-se em anonimato, havendo o descaso do cuidado e da infância, o que perdurou até o século XIX. Um exemplo disso é o fato de que durante este período, de um modo geral, ela teve a sua mão de obra explorada, como se pode verificar no seguinte trecho:

As crianças pobres sempre trabalharam. Para quem? Para seus donos, no caso das crianças escravas da Colônia e do Império; para os "capitalistas" do início da industrialização, como ocorreu com as crianças órfãs, abandonadas ou desvalidas a partir do final do século XIX; para os grandes proprietários de terras como bóias-frias; nas unidades domésticas de produção artesanal ou agrícola; nas casas de famílias, e finalmente nas ruas, para manterem a si e suas famílias. (RIZZINI apud Priore, 2000, p.376)

Assim, pode-se verificar que essas crianças, especialmente as menos abastadas, tiveram pouco tempo para viver os seus momentos de lazer e até mesmo poucas oportunidades para que esses momentos existissem em função das obrigações impostas pelo mundo adultocêntrico. Da entrega de seus frágeis corpos à exploração. Além disso, pode-se lembrar do fato de que poucas conseguiam alcançar esse estágio de vida, uma vez que eram comuns altos índices de mortalidade infantil nesse período, causados principalmente pelas precárias higiene e alimentação.

Estas crianças cheias de atribuições, não possuindo tempo suficiente para o ócio, possivelmente poderia perder suas próprias lembranças, pois não tendo tempo para brincar e construir à sua maneira seu próprio pensamento, produzindo o que os outros queriam e não construindo por si próprias. Esquecem que a criança deveria produzir sua própria história.

Voltando-se a atenção para a educação dessas crianças, especificamente, durante a colonização, os jesuítas tiveram um papel central no processo da educação no Brasil. À ordem jesuítica, aos poucos, direcionou seus esforços em ocupar-se não apenas da formação de seus membros, como também da juventude, o que demonstrava o desejo de formar jovens nas letras e virtude, a fim de fazê-los propagar eles mesmos, no mundo onde vivessem os valores defendidos pela Companhia, ocupando-se do oferecimento da catequização para os pobres e a formação clássica para as elites (CHAMBOULEYRON apud Priore, 2000).

Nesse âmbito, nota-se que a criança passou a despertar a preocupação da Igreja em relação aos aspectos educativos e disciplinador. Sendo assim, os padres entendiam que a infância seria o melhor momento para a evangelização humana, pois segundo essa visão, a criança ainda não possuía valores e tradições culturais suficientemente sedimentados em si.

Justifica-se pelo fato que no século XVI acreditava-se em uma “substituição de gerações” (CHAMBOULEYRON apud Priore, 2000, p.60), em que as crianças detentoras do saber ler, escrever e dos bons costumes, acabariam por suceder socialmente seus pais.

Essas exigências de formação não partiam apenas da Igreja, mas também estavam presentes em obras e contos que ensinavam, por meio de histórias exemplares em que eram demonstrados, os comportamentos que deveriam ser seguidos na sociedade portuguesa, a sociedade modelo de então, em relação ao Brasil.

Levando em consideração a importância e complexidade que envolve a educação da criança, e a observação de que variadas práticas sociais, muitas vezes, fazem dos contos de fadas, as primeiras histórias a serem conhecidas pelas crianças, desempenhando um papel importante, não neutro, na constituição dos valores morais e éticos da criança, surge o interesse pela elaboração do estudo ora apresentado.

Segundo Priore (2000, p.100):

“Temas como ‘a virtude de donzela’, ‘os prejuízos das zombarias’, a desobediência dos filhos, a fé na doutrina cristã e todo um leque de outros ‘ensinamentos’ são considerados fundamentais para uma boa educação eram visitados de forma a ficar gravados na memória da criança constituindo-se numa autêntica bula de moral e valores comuns”.

Evidencia-se, desta forma, cada vez mais o papel representado em relação à criança e que por ela deveria ser seguido: no sentido de adestrá-las e prepará-las para assumirem responsabilidades centradas no universo adulto. *Diferentes discursos produzidos pelo universo adulto enquadraram a criança e o adolescente, determinando os espaços que eles poderiam frequentar e estabelecendo os princípios e os conceitos norteadores do seu crescimento e educação* (MAUAD apud Priore, 2000, p.140).

O cotidiano do mundo adulto apontava a rotina infantil e juvenil através de preceitos e atitudes percebidos socialmente como válidos, demonstrando que a educação da criança não era e ainda não é neutra, mas carregada de intencionalidades, tomando a educação como um instrumento de transmissão das citadas intenções, através das estórias, também já citadas, por exemplo. Fica claro, desta maneira, que a criança historicamente constituída se desenvolve no âmbito adulto, como também recebe influências desse universo, condicionando-a, moldando-a e alienando-a.

Ao pensar nesse universo camuflado de subjeções, cabe espaço as ideologias norteadoras desse contexto. Neste sentido, primeiramente, busca-se realizar considerações acerca do que pode ser considerado enquanto ideologia.

Segundo Chauí (1984, p.16-21) o real não é constituído de coisas, como a nossa experiência direta e imediata da vida a respeito da realidade nos remete a pensar, no sentido que o real seria a constituição dos objetos físicos, psíquicos e culturais dispostos ao nosso sentido e às nossas vivências. Mas sim, que os entes reais seriam na concepção de Chauí, as formas de nossas relações com a natureza mediada por nossas relações sociais, entendendo-se como um processo de movimento temporal de constituição dos seres e suas significações dependentes do modo como os homens se relacionam entre si e com a natureza.

Baseando-se neste conceito, a ideologia estaria ligada ao ocultamento desta realidade social. Pode-se dizer ainda, segundo a visão de Chauí (1984, p.78-79), através de uma concepção marxista, que seria através da ideologia que os homens legitimariam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam mais justas. Figurando a ideologia como um processo em que as idéias de classes dominantes tornar-se-iam idéias de todas as classes sociais, transformando-se assim, em idéias dominantes. Tendo em vista que a ideologia estaria ligada aos sistemas teóricos (políticos, morais e sociais) criados pela classe social dominante, fazendo com que os indivíduos não percebam que a realidade da classe decorre da atividade de seus membros.

Garantindo a ideologia aqui contextualizada, existem componentes da nossa formação cultural que serão tratados no decorrer do estudo através do foco na criança.

I – A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

A educação da criança é um assunto de extrema importância, cujas propostas devem abrigar toda a complexidade das relações dela com o mundo em que vive, cuja relação educativa necessita de técnicas, instrumentos e estratégias, as quais podem ser utilizadas por todos os envolvidos nos processos de ensinar e aprender, de ajuste e adaptação.

Conforme aponta Aranguren (1975), educar é transmitir normas de comportamento técnico-científico (instrução) e moral (formação do caráter), as quais podem ser compartilhadas por todos os membros da sociedade.

Portanto, conforme mencionado, a educação é transmitida para a criança por todos os membros que convivem com a mesma. A escola, por exemplo, é fator de transformação social, responsável pela transmissão de determinados requisitos intelectuais indispensáveis ao exercício de uma função no campo da produção.

De acordo com Antunes (2004), a mente infantil, sob o ponto de vista dos cientistas é um conjunto fantástico de células nervosas colocando em contato bilhões de neurônios e de correntes eletroquímicas em agitação permanente, formando uma consciência dinâmica que rapidamente se transforma. Por outro lado, para um indivíduo sem formação científica, a mente de uma criança de dois anos, por exemplo, é um formidável emaranhado de sonhos, ilusões, encantamento e medos. Para os pais, essa mente reflete a mudança constante, desafios impostos e estruturas que se alternam a cada momento.

Assim sendo, existe uma preocupação com o desenvolvimento integral da criança, tanto do ponto de vista intelectual quanto moral, pois o que ela virá a ser um dia depende da maneira como será educada.

De acordo com Antunes (2004, p.24):

A experiência transforma a mente e não apenas a torna mais sensível à solução de problemas, mas também muda a anatomia e a fisiologia do cérebro. Essa descoberta é extremamente relevante: caso se afirmasse que a experiência positiva mudaria “apenas” a sensibilidade da mente, seria difícil visualizar e, portanto, provar essa mudança, mas na medida em que ao alterar a sensibilidade altera também a estrutura fisiológica do cérebro, permite a visualização de elementos concretos na comprovação da mudança, que pode ser identificada em todos os detalhes em escolas do Brasil.

Assim sendo, confirma-se que a educação transforma o ser humano, razão pela qual foi mencionado que o desenvolvimento integral da criança depende da educação que ela

receber, envolvendo o convívio com o adulto e com outras crianças, com atividades tanto dentro do lar quanto na escola, portanto, a criança deve ser vista dentro de um contexto social. Levando-os a entender que a educação envolve um conjunto de atividades sociais, dentre as quais os grupos humanos auxiliam seus membros a assimilar a experiência organizada culturalmente.

O conceito de educação acima mencionado traduz um fenômeno de natureza essencialmente social, uma vez que, os grupos humanos tratam de assegurar o desenvolvimento de outros seres, no seio da cultura que lhes é própria.

Dessa forma, o processo educativo foi configurando-se, progressivamente, num corpo de conhecimentos psicológicos com o objetivo de compreender e explicar os processos de mudança comportamental, produzidos nos seres humanos, como resultado de sua participação em situações educativas.

II – FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO EDUCACIONAL DA CRIANÇA

Conforme foi exposto, a Educação Infantil tem papel essencial no desenvolvimento das crianças; tem função social crescente diante da necessidade das famílias de compartilharem com instituições, os cuidados com seus filhos e de ter uma função política clara, contribuindo para a formação dos cidadãos.

É através da própria família que a criança se integra no mundo adulto. É nesse meio que aprende a canalizar seus afetos, a avaliar e selecionar suas relações. É nela que a criança recebe orientação e estímulo para ocupar um determinado lugar na sociedade adulta, em função de seu sexo, sua raça, suas crenças religiosas, seu status econômico e social.

As estratégias de socialização são acionadas pelo grupo social, com o objetivo de transmitir à geração seguinte os poderes e privilégios, iguais ou superiores aos próprios, herdados ou constituídos.

Segundo Prado (2001), os indivíduos vivem numa época de transição em que casais se separam e novamente se casam. Em todas as camadas da população cresce o número de lares chefiados pela mãe, o que torna insuficientes os esquemas simplificadores da ciência burguesa para explicar as relações pai-mãe-filho-filha. Acontece que, certos modelos estão fortemente disseminados pelo social: nas escolas, onde, sobretudo os livros adotados veiculam imagens masculinas e femininas tradicionais; nos filmes e novelas da TV, impregnados de propaganda baseada em mensagens emitidas de forma a penetrarem no inconsciente. As revistas e suplementos são carregados de cultura fútil e inútil.

Ainda de acordo com a mesma fonte, entre o proletariado, encontram-se muitas famílias nucleares em que o casal não é unido por laços legais, assim como existe um grande número de famílias chefiadas por mulheres, não somente em virtude da ausência do marido (mães solteiras, separação, viuvez), mas também porque em certos meios é freqüente que a mulher assuma as responsabilidades materiais do lar e da família.

Prado (2001) refere ainda que, na classe média, a família tende a ser nuclear e ainda, mergulhada numa vasta rede de parentesco. Já na classe alta a família se mantém ainda numa forma mais "extensa" que nas outras. É patriarca aquele que detém o controle dos meios de produção, do patrimônio e da renda familiar e sua autoridade é predominante e, indiscutível, na maioria das vezes.

No entanto, em todas as classes, de modo relativo, são seguidos os padrões patriarcais da família de classe alta e cabe aos pais colaborarem na formação de seus filhos.

Considerando que tanto a família quanto a escola são responsáveis pela educação da criança, cabe considerar que, de acordo com a Revista Direcional Escolas (2005), a interação entre família e escola fica prejudicada, em função da vida agitada das grandes cidades, onde a grande maioria dos pais e mães tem muitos compromissos, pois os pais ou responsáveis pela criança a deixam e pegam na porta, sem um contato maior com os professores ou coordenadores. E, muitas vezes ainda, as crianças utilizam o transporte escolar, tornando mais rara a convivência dos pais com o universo escolar.

Assim sendo, de acordo com Bedran (2005, p.34):

Muitas instituições de ensino têm tomado iniciativas para mudar esse quadro e trazer os pais para dentro das escolas. O convite deve ser feito com motivação, para que os pais, já que os pais têm uma rotina agitada e tendem a priorizar outras atividades. As escolas precisam pensar em iniciativas criativas, com atividades inovadoras e construtivas.

Verifica-se que tais iniciativas são importantes e imprescindíveis, pois as crianças necessitam da participação dos pais na escola, para que possam mostrar-se e sentirem-se merecedoras de tudo que os pais lhes proporcionam. Ou seja, a interação entre escola e pais é necessária para que a criança receba uma educação satisfatória, que lhe permita um desenvolvimento adequado.

Conforme aponta Scattolini (2005, p.01):

A conquista do mercado de trabalho pelas mulheres e o stress da vida moderna, entre outros fatores, contribuíram para a formação de uma cultura onde se credita toda a responsabilidade da educação para a escola. Hoje, os pais se dedicam muito ao seu trabalho e acabam deixando de lado a vida do filho.

É primordial que os pais conheçam o ambiente escolar, os amigos e professores, sendo que, participar da vida escolar das crianças é uma oportunidade para entendê-las melhor, saber como elas se relacionam. Portanto, cabe à família vivenciar cada processo de aprendizado das crianças. Trata-se de uma proposta de trabalho interativo entre pais, filhos e escola.

Existem várias atividades para estimular a presença dos pais na escola, fazendo com que eles passem a ver a escola não só como local de estudo dos filhos, mas como uma forma deles se completarem como pessoas.

Conforme exposto, a família também possui papel primordial na formação da criança. Antes era retratada, através do modelo familiar tradicional, burguês, nuclear e patriarcal, em que os papéis do pai e da mãe são distintos, sendo o pai o chefe da família, a figura provedora do sustento e autoridade familiar, e a mãe como dona de casa e cozinheira por excelência. A mulher dedicada ao lar, marido e filhos. Hoje, em muitos casos, pais e mães desempenham os mesmos papéis.

Nosella (1981), em sua pesquisa intitulada: *As belas mentiras – a ideologia subjacente aos textos didáticos* faz menções a textos de leitura utilizados nas primeiras séries do primeiro grau, hoje conhecido como ensino fundamental, retratando-os como meios de transmissão e inculcação da ideologia dominante, os quais podem ser tomados como demonstração do modelo de família e dos papéis dos pais e dos filhos.

Enfim, cabe registrar que o papel dos pais, ou seja, da família é fundamental para o desenvolvimento das crianças e que estes devem trabalhar de forma integrada com a escola.

III – FORMAÇÃO CULTURAL DA CRIANÇA

Brandão (1995) expõe a educação de maneira neutra, não tomando partido para nenhuma teoria fixa da sociologia. Refere que os teóricos da educação sempre se definem na teoria do conflito ou do consenso, ao passo que o autor em questão mostrou é a educação, aberta e pertencente a todos.

Inicialmente, retrata como surgiu a escola, demonstrando que até o século XIX tinha a função de reproduzir, até que Émile Durkheim mostrou a educação como fato social para uma sociedade orgânica e harmônica, entretanto, essa harmonia escondia um conflito, no qual uma elite rica e influenciadora domina a educação para a formação de bons trabalhadores. Diante disso, aponta a necessidade de se reinventar a educação, fazendo com que ela fizesse parte da vida e do cotidiano das crianças.

Desta forma, mostra que a educação pode ocorrer onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estrutura sociais de transferência de saber de uma geração a outra. Afirma que a evolução da cultura humana levou o homem a transmitir conhecimento, criando situações sociais de ensinar-aprender-ensinar.

Diz ainda que, a educação é praticada tão intensamente em alguns lugares que às vezes chega a ser invisível. Numa retrospectiva, fala que nas aldeias dos grupos tribais as crianças viam, entendiam, imitavam e aprendiam com a sabedoria que existia no próprio gesto de fazer as coisas. Portanto, a transferência do conhecimento ocorria indistintamente por todos os membros do clã. Nesse caso, considera que a socialização é responsável pela transmissão do saber.

Sendo assim, a educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar e aprender e quando ela se sujeita a pedagogia, torna-se ensino formal, cria situações próprias para seu exercício e constitui executores especializados. Surgem assim as escolas, alunos e professores.

No período em que surgiram as primeiras escolas, o saber comum se dividia e surgiram hierarquias sociais, a educação virou o ensino que inventou a pedagogia, reduzindo a aldeia à escola e transformando “todos” em educador. Este saber elaborado era transmitido desigualmente, promovendo a diferença, e o grupo reconhece neles por vocação ou por origem e espera em cada um deles um trabalho especializado. No entanto, a rede de troca do saber mais persistente e universal da sociedade humana é a família.

Menciona ainda que a educação comunitária que reproduzia a igualdade entre os membros da comunidade, passa a reproduzir a desigualdade social por sobre igualdades naturais, cujo sistema de ensino vem da educação greco-romana, sendo que existe a possibilidade de estarem na referida sociedade, as respostas para muitas indagações relativas ao tema. A Grécia é o berço da filosofia que permeia a conduta de nosso mundo ocidental. O autor em questão, por meio de uma retrospectiva na história demonstra a separação das classes já existente no contexto da Grécia.

Desta forma, Severino (1986) diz que a educação só pode ser compreendida se tomarmos conhecimento dos períodos que dividem e caracterizam a estrutura da política educacional do estado e de sua realidade como um todo.

Aponta que segundo a história, a educação sempre defendeu os interesses da classe dominante, sendo que cada período foi influenciado por uma ideologia. Assim sendo, divide os períodos demonstrando qual é a ideologia que predominou em cada época.

Refere que, no período de 1500 a 1889, a educação foi influenciada pela ideologia católica, criada pelos jesuítas, na época do colonialismo, com o projeto educacional *ratio studionum*, que possuía duas finalidades. De um lado a instrução dos filhos dos colonos, formando os líderes da sociedade colonial que iriam cuidar das riquezas da colônia. Do outro, a catequese e civilização dos índios, tornando-os “dóceis” e escravizados. Mas os objetivos dos colonos e dos jesuítas eram antagônicos. Os colonos queriam manter os índios escravos da colônia. Os jesuítas queriam apenas a evangelização dos índios e a expansão da ordem da Companhia de Jesus, com a formação dos colonos, em padres. Dessa forma, os jesuítas foram expulsos da colônia.

A primeira modificação ocorreu com a vinda da família real portuguesa, no século XIX, época em que foram instituídos os primeiros cursos superiores, tendo como principal objetivo, atender as necessidades da família real, que era formar profissionais que iriam ocupar os cargos de confiança. Primeiro foram criados os cursos de medicina, engenharia civil e militar, mais tarde, os cursos de direito, formando os profissionais que iriam administrar as riquezas do reino português.

Ainda segundo Severino (1986), até o final do Brasil Império, a evolução do sistema educacional foi pouco significativa, tanto em organização quanto em função social, pois desde a época da colônia, já existiam as desigualdades sociais, onde a maioria além de encontrar em uma situação de exploração e submissão, perdia sua própria “essencialidade”, com a formação de uma classe social inconscientemente alienada à mercê de uma classe social conscientemente alienante. O autor afirma que a ideologia cristã, sempre contribuiu para a

submissão, e a doutrina católica tem fundamentos filosófico-ideológicos, pregando em seus princípios a ética individual e social, uma vez que o homem evangelizado se conforma com a escravidão e exploração do trabalho, acreditando que a sua situação não depende da vontade do homem, mas da vontade divina, “não podendo fazer nada para reverter a sua condição”.

Nessa época, pouca importância se dava a uma política educacional, uma vez que não existia a necessidade de expandir o ensino, pois a educação servia apenas à classe burguesa.

No entanto, surgem mudanças no período de 1942 a 1946, onde os decretos das Leis Orgânicas fazem com que todo o ensino fosse reformulado dentro das propostas do governo Vargas, pelo ministro Gustavo Capanema. A educação brasileira reforçou seu dualismo e as desigualdades sociais, uma vez que o projeto educacional do Estado consistia em dividir a educação para formar dois grupos antagônicos. De um lado, a formação dos dirigentes, compondo a classe dominante. Do outro, a formação das massas, compondo a classe dominada, para atender as demandas do mercado de trabalho, do sistema capitalista de produção.

No período de 1889 até 1964, o sistema educacional passou a ser inspirado pela ideologia liberal, época em que ocorreram as primeiras reformas educacionais. Era o início de um processo de urbanização e modernização da economia, onde o país saía de uma exploração agrária exportadora e ingressava numa classe proletária. Assim, ocorreu a Revolução de 30, quando a sociedade brasileira passou a tomar consciência de seu subdesenvolvimento e, para sair daquela condição foi necessária a substituição dos produtos manufaturados pela industrialização e importação, bem como a substituição da oligarquia do café, pela união das forças progressistas, a aliança liberal que foi formada pelas oligarquias gaúchas, mineiras e nordestinas.

Em 1964, época da ditadura alguns europeus detentores de consciência política bastante atuante, formaram as camadas médias, constituída por profissionais liberais, militares, pequenos comerciantes, artesãos, funcionários públicos, assalariados, intelectuais, entre outros, que em busca de ascensão social, e passaram à reivindicar a educação formal, ocasionando um aumento nas demandas da educação na época.

Conforme aponta Faria (1999), o Estado brasileiro não assumiu o pleno direito tanto em relação à educação quanto à escola, agindo quase sempre sem atender às necessidades próprias das novas gerações, atendendo apenas a interesses específicos de um determinado grupo. Só depois, com as origens da urbanização e da industrialização, é que novos programas, visando a sobrevivência das crianças e também à formação disciplinada da classe operária, começaram a ser implantados.

Após muita luta dos educadores, do movimento feminista e da luta contra a ditadura militar, foram inseridos os direitos da criança pequena, cujas iniciativas foram responsáveis pela construção de novos conhecimentos sobre a infância, definindo áreas de pesquisa cobrindo o tema em questão e propondo para a Nova Constituição o direito a creches e pré-escolas para todas as crianças de zero a seis anos.

Em 1996, foi promulgada a Nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases), ou seja, lei no. 9394/96, estabelecendo as normas e os novos rumos para a educação brasileira, contemplando a reivindicação de vários indivíduos que se preocupam e lutam contra os deslizes ocorridos no campo da educação em nosso país.

Segundo Kruppa (1994), a escola sendo uma instituição social, pode ser organizada por todos os sujeitos que participam de seu cotidiano, podendo ser modificada quando não estiver atendendo às necessidades da coletividade, o que requer trabalho reflexivo e coletivo, cujo objetivo é elaborar um projeto político pedagógico que atendesse as necessidades do coletivo, no sentido, de que as propostas deste projeto e seus objetivos sejam coerentes dentro do contexto social real da unidade escolar.

Assim sendo, pode-se dizer que é necessário uma sólida base teórica além da prática, pois a construção de um projeto político pedagógico implica numa reflexão sobre a finalidade da escola. Quanto à função social da escola e dentro desta, quais os rumos a serem tomados por todos os sujeitos envolvidos no processo educativo, é apontado que:

(...) a primeira ação que me parece fundamental para conhecer a organização do trabalho da escola é a construção do projeto pedagógico assentado na concepção de sociedade, educação e escola, que vise à emancipação humana. Ao ser claramente delineado, discutido e assumido coletivamente, ele se constitui como processo. E ao se constituir como processo o projeto político pedagógico reforça o trabalho integrador e organizador da equipe escolar, enaltecendo a sua função primordial de coordenar a ação educativa da escola para que ela atinja o seu objetivo político pedagógico, conforme afirmei em cursos por mim ministrados (VEIGA, 1998, p. 157).

Diante do exposto, verifica-se que o projeto político pedagógico de qualidade é construído historicamente, envolvendo o contexto social e os seus princípios devem ser refletidos sobre toda a realidade social existente na unidade escolar, em suas diferentes dimensões e unidades, havendo a necessidade da participação de todos os envolvidos no âmbito escolar, dentro de um processo participativo de decisão. Com uma equipe comprometida e preocupada em organizar um trabalho pedagógico desvelando os conflitos e contradições, no sentido de romper com o autoritarismo, conquistando assim uma equipe

unida que sempre estará criando situações permanentes de reflexão e discussão sobre o fazer pedagógico.

Foi assim, num processo dinâmico que surgiram novas teorias, propondo novos entendimentos sobre a prática pedagógica as quais receberam influência das relações sociais e políticas do momento histórico.

A educação escolar numa visão orgânica é percebida como parte integrante do contexto social que a gerou e a mantêm. A educação escolar ocorre na instituição escolar e esta difere das demais formas de educação (familiar, religiosa, partidária, dentre outras). Numa visão crítica deve ter o compromisso de permitir ao educando o contato sistemático com os conteúdos de ensino, relação esta que é mediada pelo trabalho do educador. O educador real, concreto, situado no tempo e no espaço. É a relação entre dois sujeitos históricos em desigualdade de condições: o educador (adulto formado, experiente, comprometido, articulado) e o educando seja criança, jovem ou adulto (trabalhador) em processo de formação escolar.

Desta forma, de acordo com a Nova LDB, cabe ao Estado atender gratuitamente às crianças de zero a seis anos de idade nas creches e pré-escolas, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade, sendo que a Educação Infantil será oferecida em creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; e, em pré-escolas para crianças de quatro a seis anos de idade.

Com relação à moralidade, cabe salientar que de acordo com Reale (1999) moral é o conjunto de prescrições a respeito do comportamento lícito ou ilícito, estabelecidas e aceitas numa época por determinada comunidade humana. São regras que determinam as atitudes e os comportamentos dos indivíduos, segundo as necessidades e as condições fundamentais de vida de cada indivíduo e do grupo.

Por outro lado, conforme apontam Ferreira e Cabral (1998) o termo ética designa a reflexão filosófica sobre a moralidade, isto é, sobre as regras e os códigos morais que norteiam a conduta humana. Sua finalidade é esclarecer e sistematizar as bases do fato moral e determinar as diretrizes e os princípios abstratos da moral. Segundo Aristóteles as virtudes éticas são aquelas que se desenvolvem na prática e que estão orientadas para a consecução de um fim, enquanto as dianoéticas são as virtudes propriamente intelectuais.

Salientam ainda que, em função da evolução do sentido do vocábulo, o ético identificou-se cada vez mais com o moral, e a ética chegou a significar propriamente a ciência que se ocupa dos objetos morais em todas as suas formas, a filosofia moral.

Verifica-se, portanto, que é moralmente bom tudo aquilo que promove direta ou indiretamente, o bem-estar social, o bem comum; tudo aquilo que completa a natureza e consegue a perfeição do indivíduo sem prejuízo de terceiros.

Com relação à moral cabe destacar que esta atinge todos os tipos de relação entre os homens e as suas várias formas de comportamento. Verifica-se que antes a solidariedade e o altruísmo eram incentivados como valores morais importantes e o egoísmo era controlado ou reprimido. Na sociedade de competição, tais valores estão perdendo o sentido. A ética é constituída por princípios da conduta humana que definem diretrizes para a convivência em sociedade.

Observa-se, atualmente, o aumento da violência devido às agressões, crimes sexuais, acidentes de trânsito, roubo seguido de homicídio, no entanto, segundo Lintz (1987) uma retrospectiva histórica nos mostra que desde o aparecimento dos pequenos grupos até a formação das várias sociedades e grandes civilizações, sempre existiu por parte dos humanos o desprezo aos chamados padrões sociais, compreendendo os desvios sem maiores importância, as excentricidades e a ação desagregadora. Se do ponto de vista psicológico tais desvios dizem respeito à personalidade, a conduta criminal ou não convencional recai na afronta às normas socialmente sancionadas, por isso que o comportamento sujeito à repressão só existe na medida em que uma regra social ou moral o proíba.

Sendo assim, nem todo comportamento que diverge dos padrões considerados normais, constitui-se em um ato ilícito, levando-se em conta ainda que, toda cultura possui determinados critérios para graduar as transgressões antijurídicas. Relata que, nas investigações das causas que estão contribuindo para o assustador aumento da criminalidade e violência fica evidente que tanto os fatores sociais em si, como todos os que compõem o espaço vital, envolvendo o motivo, motivação, hereditariedade, miséria, correlação, desemprego, psiquismo, descontrole emocional, educação, menores em situação irregular, frustrações, desavenças conjugais, estresse, drogas, distúrbios psico-somáticos e personalidade, concorrem para a ocorrência do ato lesivo.

Lintz (1987) aponta ainda que:

A incidência da violência não deve ser entendida como sendo fenômeno da idade contemporânea, pois historicamente, tanto na antiguidade, como na idade média ou moderna, ela sempre esteve presente. Sabe-se, no entanto, que ela resulta de um ato de vontade que para ser posto em prática é impulsionado por fatores situacionais.

No entanto, de acordo com Cortella (2006) sem normas éticas vinculativas, sem padrões ou modelos, em função de problemas acumulados ao longo dos tempos, os Estados ou Nações correm o risco de perder a direção, de perderem a estrutura.

Em função disso, torna-se necessário resgatar valores morais e éticos e ensiná-los às crianças. O mal e o bem existem, e encontram-se lado a lado, e muitas vezes, é difícil distingui-los.

Moral e ética constitui um conjunto de prescrições a respeito do comportamento lícito ou ilícito, estabelecidas e aceitas numa época por determinada comunidade humana. São regras que determinam as atitudes e os comportamentos dos indivíduos, de acordo com as necessidades e as condições fundamentais de vida de cada indivíduo e do grupo.

De acordo com o exposto, cumpre salientar que com relação à moralidade, Araújo (1996) utiliza Piaget como referencial, destacando que a mesma somente será encarada sob outra perspectiva através de uma transformação no tipo das relações estabelecidas dentro das escolas, famílias e da sociedade, tendo como objetivo os princípios subjacentes às regras a serem cumpridas pelo sujeito com pressuposto nos ideais democráticos de justiça e igualdade, assim como a construção de relações que auxiliem o indivíduo a “obrigar sua consciência” a agir de acordo com esses princípios e não por obediência. Toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras.

Conforme menciona Vinha (2000), a moralidade diz respeito ao agir humano e ação humana é orientada por valores e princípios. Afirma ainda que, segundo as perspectivas acima delineadas, o mais importante não é verificar se a criança obedece às ordens do adulto ou cumpre as regras da classe e sim o porquê as cumpre.

É necessário que a criança se conscientize sobre a necessidade de existir determinadas normas nas relações entre as pessoas, acredite e esteja convencida quanto a importância de seguir certos valores morais, como por exemplo, o respeito por si e pelos outros, ainda de acordo com Vinha (2000).

Refere ainda que, a honestidade é um princípio valorizado pela nossa cultura, sendo que várias pessoas podem ser consideradas honestas e procuram agir honestamente. No entanto, os motivos que as levam a seguir esse mesmo princípio, podem ser diferentes. É preciso compreender os aspectos relativos à moralidade.

Ainda afirma que segundo Piaget, assim como o desenvolvimento da inteligência, o desenvolvimento moral também é processo de construção interior. Ou seja, para Piaget o conhecimento não é adquirido por absorção ou acumulação de informações provenientes do

mundo exterior, e sim por um processo de construção. Para ele, as regras externas tornam-se próprias da criança somente se ela as constrói por sua livre vontade. O indivíduo é ativo na construção de seu desenvolvimento, portanto, tanto o ambiente quanto o sujeito são fatores que atuam nesse processo.

Nesse caso, frente a esse processo ativo de interação, os fatores mais importantes que promoveriam o desenvolvimento moral seriam o tipo de experiências que vive cada indivíduo, em concreto, e a atmosfera moral de seu círculo familiar, escolar e social, em geral, conforme afirmam Delval e Enesco (1994) apud Vinha (2000).

Enfim, conforme foi mencionado no decorrer do estudo é preciso que haja uma interação entre família e escola, a fim de que ambos possam auxiliar no processo de construção do desenvolvimento infantil, fazendo com que se tornem significativos para o desenvolvimento moral das crianças, o que requer busca constante de práticas educativas adequadas para atingir tal objetivo.

IV – A CRIANÇA E OS CONTOS DE FADAS

Levando-se em conta a importância do desenvolvimento moral das crianças, acredita-se que os contos de fadas podem fazer parte da prática educativa com o objetivo de favorecer o crescimento moral das mesmas.

Aparecem referências aos contos a partir do século XVIII, apontando que na Europa os mesmos eram narrados ao redor das lareiras das cabanas dos camponeses. Nesses momentos, falava-se sobre as experiências, o vivido, os almejos e as esperanças.

É apontado ainda que, na França do século XVIII, o povo não apegado aos pudores frente aos tabus, era permitido que os contadores de histórias não utilizassem eufemismos ou símbolos secretos para falar sobre o mundo brutal, de forma que os contos eram narrados de modo direto e explícito, envolvendo desde estupros a incestos e canibalismo.

Desta forma, os dramas, os desejos e as soluções para os problemas apresentados nos contos eram o reflexo da realidade, como por exemplo, o abandono dos filhos para evitar que toda a família morresse de fome, retratado no conto “Joãozinho e Mariazinha”, ou pedir apenas por uma mesa farta, dentre tantas outras possibilidades esplêndidas não eram atitudes absurdas, desde que apoiadas no contexto real das histórias.

Portanto, apesar do fato dos contos de fadas serem relacionados ao mundo infantil, pode-se verificar que no início, o público adulto era o alvo, apesar de terem sido redirecionados ao público infantil, em função de dois fatores. O primeiro fator leva em conta que a criança não era considerada como tal, ou seja, distinta do adulto, com necessidades e identidade específicas, até o século XVII, pois ela compartilhava com os adultos o mesmo tipo de roupa, os cômodos, o trabalho e também os ambientes sociais, conforme aponta Shavit (apud Silva, 1999).

Assim sendo, verifica-se que as crianças circulavam entre os adultos, entravam em contato com os contos de fadas e invariavelmente se sentiam atraídas para o seu universo imaginativo.

Shavit (apud Silva, 1999) menciona ainda que, com a Revolução Industrial, no período compreendido do XVII até XIX, ocorreu a queda da mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida, começando a impor-se a noção do conceito de infância semelhante ao que existe hoje.

A criança, então considerada socialmente, passou a despertar a preocupação da Igreja, dos moralistas e dos pedagogos em relação aos aspectos educativos e disciplinador. Aqui,

encontra-se o segundo elemento que liga as crianças aos contos de fadas. Agora os contos sempre apresentam valores morais e regras a serem seguidas por uma comunidade.

Desta forma, procurou-se selecionar alguns contos de fadas mais conhecidos pelo público infantil como: Chapeuzinho Vermelho, Joãozinho e Mariazinha, a Gata Borralheira e Branca de Neve, todos apresentados na versão dos “Irmãos Grimm”, buscando identificar a importância que os mesmos representam para o desenvolvimento moral e intelectual das crianças.

Cabe ressaltar que, segundo Grimm (1989), Jacob Ludwig Carl Grimm e Wilhelm Carl Grimm, nascidos em Hanau, Alemanha eram filólogos e colecionadores de histórias populares e através do resgate desses contos populares, iniciaram o estudo da língua alemã e a reconstrução da realidade histórica do país. Sendo assim, em suas versões, os contos permaneceram o mais próximo possível do seu original, sem adaptações ou lição de moral.

As histórias recolhidas pelos Irmãos Grimm, que tem na fantasia e no sobrenatural seus elementos constitutivos, são conhecidas de todo o mundo civilizado, e apóiam-se em recontos da antigüidade ou da Idade Média.

Conforme foi apontado selecionou-se alguns contos durante a elaboração do estudo ora apresentado, os quais são apresentados a seguir.

4.1. Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma meninazinha mimosa, que todo o mundo amava assim que a via, mas mais que todos a amava a sua avó. Ela não sabia mais o que dar a essa criança. Certa vez, ela deu-lhe de presente um capuzinho de veludo vermelho, e porque este lhe ficava tão bem, e a menina não queria mais usar outra coisa, ficou se chamando Chapeuzinho Vermelho.

Certo dia, sua mãe lhe disse:

- Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, leva isto para a vovó; ela está doente e fraca e se fortificará com isto. Sai antes que comece a esquentar, e quanto saíres, anda direitinha e comportada e não saias do caminho, senão podes cair e quebrar o vidro e a vovó ficará sem nada. E quando chegares lá, não esqueças de dizer bom dia, e não fiques espiando por todos os cantos.

- Vou fazer tudo como se deve, - disse Chapeuzinho Vermelho à mãe, dando-lhe a mão como promessa.

A avó, porém, morava lá fora na floresta, a meia hora da aldeia. E quando Chapeuzinho Vermelho entrou na floresta, encontrou-se com o lobo. Mas Chapeuzinho Vermelho não sabia que fera malvada era aquela, e não teve medo dele.

- Bom Chapeuzinho Vermelho, - disse ele.

- Muito obrigada lobo.

- Para onde vai tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

- Para a casa da vovó.

- E o que trazes aí debaixo do avental?

- Bolo e vinho. Foi assado ontem, e a vovó fraca e doente vai saboreá-lo e se fortificar com o vinho.

- Chapeuzinho Vermelho, onde mora sua avó?

- Mais um bom quarto de hora adiante no mato, debaixo dos três grandes carvalhos, lá fica a sua casa; embaixo ficam as moitas de avelã, decerto já sabes isso, - disse Chapeuzinho Vermelho.

O lobo pensou consigo mesmo: “Esta coisinha nova e tenra, ela é um bom bocado que será ainda mais saboroso do que a velha. Tenho de ser muito esperto, para apanhar as duas”.

Então ele ficou andando ao lado de Chapeuzinho Vermelho e logo falou:

- Chapeuzinho Vermelho, olha só para as lindas flores que crescem aqui em volta! Por que não olhas para os lados? Acho que nem ouves o maravilhoso canto dos passarinhos! Andas em frente como se fosses para a escola, e no entanto é tão alegre lá no meio do mato.

Chapeuzinho Vermelho arregalou os olhos, e quando viu os raios de sol dançando de lá para cá por entre as árvores, e como tudo estava tão cheio de flores, pensou: “Se eu levar um raminho de flores frescas para vovó, ela ficará contente; ainda é tão cedo, que chegarei lá no tempo certo”.

Então ela saiu do caminho e correu para o mato, à procura de flores. E quando apanhava uma, parecia-lhe que mais adiante havia outra mais bonita, e ela corria para colhê-la e se embrenhava cada vez mais pela floresta adentro.

O lobo, porém, foi direto para a casa da avó e bateu na porta.

- Quem está aí fora?

- É Chapeuzinho Vermelho, que te traz bolo e vinho, abre!

- Aperta a maçaneta, - disse a vovó, - eu estou muito fraca e não posso me levantar.

O lobo apertou a maçaneta, a porta se abriu, e ele foi sem dizer uma palavra, direto para a cama da vovó e engoliu-a. Depois, ele se vestiu com a roupa dela, pôs a sua touca na cabeça, deitou-se na cama e puxou o cortinado.

Chapeuzinho Vermelho, porém, correu atrás das flores, e quando juntou tantas, que não podia carregar mais, lembrou-se da vovó e se pôs a caminho da sua casa. Admirou-se ao encontrar a porta aberta, e quando entrou, percebeu alguma coisa tão estranha lá dentro, que pensou: “Ai meu Deus, sinto-me tão assustada, eu que sempre gosto tanto de visitar a vovó!” E ela gritou:

- Bom dia!

Mas não percebeu resposta. Então ela se aproximou da cama e abriu as cortinas. Lá estava a vovó deitada, com a touca bem afundada na cabeça, e um aspecto muito esquisito.

- Ai, vovó, que orelhas grandes que você tem!

- É para te ouvir melhor!

- Ai, vovó, que olhos grandes você tem!

- É para te enxergar melhor.

- Ai, vovó, que mãos grandes você tem!

- É para te agarrar melhor.

- Ai, vovó, que bocarra enorme que você tem!

- É para te devorar melhor.

- E nem bem o lobo disse isso, deu um pulo da cama e engoliu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

Quando o lobo satisfez a sua vontade, deitou-se de novo na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. O caçador passou perto da casa e pensou: “Como a velha está roncando hoje! Preciso ver se não lhe falta alguma coisa”. Então ele entrou na casa, e quando olhou para a cama, viu que o lobo dormia nela.

- É aqui que te encontro, velho malfeitor, - disse ele, - há muito tempo que estou à tua procura.

Aí ele quis apontar a espingarda, mas lembrou-se de que o lobo podia ter devorado a vovó, e que ela ainda poderia ser salva. Por isso, ele não atirou, mas pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido. E quando deu algumas tesouradas, viu logo o vermelho do chapeuzinho, e mais um par de tesouradas, e a menina saltou para fora e gritou:

- Ai, como eu fiquei assustada, como estava escuro lá dentro da barriga do lobo!

E aí também a velha avó saiu para fora ainda viva, mal conseguindo respirar. Mas Chapeuzinho Vermelho trouxe depressa umas grandes pedras, com as quais encheu a barriga do lobo. Quando ele acordou, quis fugir correndo, mas as pedras eram tão pesadas, que ele não pôde se levantar e caiu morto.

Então os três ficaram contentíssimos. O caçador arrancou a pele do lobo e levou-a para casa, a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho Vermelho trouxera, e logo melhorou, mas Chapeuzinho Vermelho pensou: “Nunca mais eu sairei do caminho sozinha, para correr dentro do mato, quando a mamãe me proibir fazer isso”.

4.2. Joãozinho e Mariazinha

Perto de grande floresta vivia um pobre lenhador com a sua melhor e os seus dois filhos; o menino chamava-se Joãozinho e a menina, Mariazinha. O homem tinha pouca coisa para mastigar, e certa vez, quando houve grande fome no país, ele não conseguia nem mesmo ganhar para o pão de cada dia. E quando ele estava, certa noite, pensando e se revirando na cama de tanta preocupação, suspirou e disse à mulher:

- O que será de nós? Como poderemos alimentar nossos pobres filhos, se não temos mais nada nem para nós mesmos?

- Sabes de uma coisa, - respondeu a mulher, - amanhã bem cedo levaremos as crianças para a floresta, onde o mato é mais espesso. Lá acenderemos uma fogueira e daremos a cada criança um pedaço de pão; então iremos trabalhar e as deixaremos sozinhas. Elas não acharão mais o caminho de volta para casa, e estaremos livres delas.

- Não, mulher, - disse o marido, eu não farei isso; como poderei forçar meu coração a deixar meus filhos abandonados na floresta? As feras selvagens viriam logo estraçalhá-los.

- És um tolo, - disse ela, - então teremos de morrer de fome, os quatro; já podes procurar as tábuas para os nossos caixões. _ E não lhe deu sossego até que ele concordou.

- Mas eu tenho dó das pobres crianças, mesmo assim, - disse o marido.

As duas crianças, que também não conseguiram dormir por causa da fome, ouviram tudo o que a madrastra dissera ao seu pai. Mariazinha chorou lágrimas amargas e disse a Joãozinho:

- Agora estamos perdidos!

- Sossega Mariazinha, - disse Joãozinho; - não te preocupes. Eu vou encontrar um jeito de nos salvarmos.

E quando os velhos adormeceram, ele se levantou, vestiu o casaquinho, abriu a porta e se esgueirou para fora. A lua brilhava bem clara, e as pedrinhas brancas na frente de casa brilhavam como moedas de prata. Joãozinho abaixou-se e encheu os bolsos com aquelas pedrinhas, quantas cabiam. Então ele voltou depressa para casa e disse a Mariazinha.

- Consola-te, irmãzinha querida, e dorme tranqüila, Deus não vai nos abandonar, - e voltou a deitar-se na cama.

Quando começou a amanhecer, antes do sol nascer, a mulher já foi entrando e acordando as crianças:

- Acordem, seus preguiçosos; nós vamos para a floresta buscar lenha, - e ela deu a cada uma um pedacinho de pão e disse: - Isto é para o vosso almoço, mas não comais antes, porque depois não ganhareis mais nada.

Mariazinha pôs o pão debaixo avental, porque os bolsos de Joãozinho estavam cheios de pedrinhas. Então puseram-se todos a caminho da floresta. Quando já tinham andado um pouco, Joãozinho parou e olhou para trás, para a casa, e fez isso outra vez e outra vez. O pai falou:

- Joãozinho, o que ficas olhando ali e te atrasando? Presta a atenção e anda para frente!

- Ora, pai, - falou Joãozinho, - estou olhando para o meu gatinho branco que está sentado no telhado e quer me dar adeus.

A mulher falou:

- Bobo, não é o gatinho; é o sol da manhã que brilha na chaminé.

Mas Joãozinho não olhava para o gatinho, e sim jogava cada vez uma pedrinha brilhante do bolso para o caminho.

Quando eles chegaram no meio da floresta, o pai falou:

- Agora juntem lenha, crianças eu quero ascender uma fogueira, para que não sintam frio.

Joãozinho e Mariazinha trouxeram gravetos, um montinho deles. Os gravetos foram acesos, e quando a chama já ardia bem alta, a mulher disse:

- Agora, deitem-se junto ao fogo, crianças, e descansem, enquanto nós entramos na floresta e procuramos lenha. Quando terminarmos, voltaremos para buscá-los.

Joãozinho e Mariazinha ficaram sentados junto ao fogo, e quando chegou o meio dia, cada um comeu o seu pedaço de pão. E como estavam ouvindo os golpes do machado, pensaram que o pai estava perto. Mas não era o machado, era um galho que o pai amarrara a uma árvore seca, que o vento fazia bater de um lado para outro. Ficaram lá sentados muito tempo, até que seus olhos se fecharam de cansaço e ambos adormeceram profundamente. E quando acordaram, já era noite fechada.

Mariazinha começou a chorar e disse:

- Como é que vamos sair da floresta agora?

Mas Joãozinho a consolou:

- Espera um pouquinho, até que apareça a lua, então nós acharemos o caminho.

E quando surgiu a lua cheia, Joãozinho tomou a irmãzinha pela mão e seguiu as pedrinhas brancas que brilhavam como moedas de prata recém-cunhadas e mostravam o caminho às crianças. Caminharam a noite inteira e chegaram de madrugada à casa de seu pai. Bateram na porta, e quando a mulher abriu e viu que eram Joãozinho e Mariazinha, foi logo dizendo:

- Ó crianças más, por que ficaram tanto tempo dormindo na floresta? Nós pensamos que não queriam voltar mais para casa.

Mas o pai ficou contente, porque lhe doera o coração por ter deixado as crianças assim sozinhas e abandonadas.

Pouco depois houve novamente miséria por toda a parte, e as crianças ouviram a madrasta falando ao pai, de noite na cama:

- Já consumimos tudo de novo; temos ainda meio filão de pão, depois será o fim de tudo. Temos que nos livrar das crianças; vamos levá-las para mais fundo na floresta, para que não encontrem mais o caminho de volta - não há outra salvação para nós.

Isto era doloroso para o coração do homem, e ele pensou: "Melhor seria repartir o último bocado com as crianças". Mas a mulher não queria ouvir nada do que ele dizia, ralhou com ele e repreendeu-o.

Quem diz "A" tem de dizer "B", e já que ele cedera da primeira vez, tinha de fazê-lo também agora. Mas as crianças ainda estavam acordadas e escutaram a conversa.

Quando os velhos adormeceram, Joãozinho se levantou, como da outra vez, mas a mulher trancara a porta e ele não conseguiu sair. Mas ele consolou a irmãzinha e disse:

- Não chores, Mariazinha, e dorme tranqüila; o bom Deus vai nos ajudar. De manhã cedo a mulher veio e tirou as crianças da cama. Elas receberam o seu pedacinho de pão, que era ainda menor que o anterior. No caminho da floresta, Joãozinho esfarelou-so dentro do bolso, parou diversas vezes e jogou no chão uma migalha atrás da outra.

- Joãozinho, por que ficas parando e olhando para trás? - perguntou o pai. - vai andando em frente.

- Estou olhando para a minha pombinha, que está pousada no telhado e quer me dar adeus, - respondeu Joãozinho.

- Bobo, - resmungou a mulher, - não é pombinha nenhuma, é o sol da manhã brilhando na chaminé.

Mas Joãozinho ia jogando migalha após migalha pelo caminho.

A mulher levou as crianças ainda mais fundo na floresta, onde elas nunca estiveram antes em toda a sua vida. Lá fizeram novamente uma grande fogueira, e madrasta falou:

- Fiquem sentadas aqui, crianças, e quando estiverem cansadas, podem dormir um pouco; nós vamos para dentro do mato cortar lenha, e à tardinha, quando terminarmos, viremos buscá-las.

Quando foi meio-dia, Mariazinha repartiu o seu pão com Joãozinho, que espalhou o seu pelo caminho. Então eles adormeceram, e anoiteceu, mas ninguém veio buscar as pobres crianças. Elas acordaram quando já era noite fechada, e Joãozinho consolou a irmãzinha e disse:

- Espera só, Mariazinha, até que apareça a lua; aí poderemos ver as migalhas de pão que eu fui espalhando, e elas nos mostrarão o caminho de volta para a casa.

Quando a lua surgiu, eles prepararam-se para ir: mas não encontraram nenhuma só migalha, porque os milhares de pássaros que voavam na floresta e no campo as bicaram todas. Joãozinho disse a mariazinha:

- Nós vamos encontrar o caminho!

Mas eles não o encontraram. Caminharam a noite inteira e mais um dia, da manhã até a noite, mas não conseguiram sair da floresta e estavam com muita fome, pois não tinha comido nada a não ser umas poucas bagas que acharam no chão. E como estavam tão casados que as pernas não os carregam mais, deitaram-se debaixo de uma árvore e adormeceram.

Agora já era o terceiro dia desde que eles saíram da casa do pai. Recomeçaram a caminhada, mas só se afundavam cada vez mais na floresta, e se não lhes viesse ajuda logo, morreriam de fome. Quando foi meio-dia, eles viram um linda passarinho branco como a neve pousado num ramo, o qual cantava tão bem que eles pararam para escutá-lo. E quando ele terminou, bateu asas e saiu voando na frente deles, e eles o seguiram, até que ele chegou a uma casinha, sobre cujo telhado pousou. E quando eles chegaram bem perto, viram que a casinha era feita de pão e coberta de bolo, e as janelas eram de açúcar transparente.

- Agora vamos avançar nela, - disse Joãozinho, - e fazer uma refeição abençoada. Quero comer um pedaço do telhado! Mariazinha, tu podes comer um pedaço da janela, ela é doce.

Joãozinho estendeu a mão para alto e arrancou um pedacinho do telhado, para provar o seu gosto, e Mariazinha ficou perto da vidraça, para mordiscá-la.

Mas aí eles ouviram uma voz fina gritando de dentro da casa:

“Roque, roque, roidinha, / Quem roeu minha casinha?”

As crianças responderam:

“Não foi ela, não fui eu, foi o vento que roeu”, e continuaram a comer sem deixarem perturbar. Joãozinho, que gostou muito do sabor de telhado, arrancou um bom pedaço dele, e Mariazinha soltou uma vidraça redonda inteira, sentou-se e ficou comendo.

De repente a porta se abriu, e apareceu, arrastando os pés, uma mulher muito, muito velha, apoiada numa muleta.

Joãozinho e Mariazinha ficaram tão assustados que deixaram cair o que tinham nas mãos. Mas a velha balançou a cabeça e disse:

- Ei, lindas crianças, quem vos trouxe aqui? Entrai, ficai comigo que não vos farei mal.

Ela tomou os dois pela mão e levou-os para dentro da casinha. E serviu-lhes boa comida, leite com panquecas e açúcar, maçãs e nozes.

Depois, arrumou-lhes duas boas caminhas com alvos lençóis, e Joãozinho e Mariazinha deitaram-se nelas, pensando que estavam no céu.

Mas a velha só se fingira de boazinha, pois era uma bruxa malvada, que tocaiava crianças, e só construía aquela casinha de pão para atraí-las. Quando uma criança caía no seu poder, ela a matava, cozinhava e comia, e era para ela um dia de festa. As bruxas têm olhos vermelhos e não enxergam muito longe, mas possuem um faro fino como os animais e percebem quando a gente se aproximando. Quando Joãozinho e Mariazinha estavam chegando, ela riu um riso mau e disse zombeteira:

- Estes eu já peguei, não me escaparão mais.

De manhã cedinho, antes que as crianças acordassem, ela se levantou, e quando as viu dormindo tão bonitas, com suas bochechas redondas e coradas, resmungou consigo mesma: “Este aqui será um bom bocado!”

Então ela agarrou Joãozinho com sua mão ossuda, levou-o para um curralzinho e trancou-o atrás de uma porta gradeada: ele podia gritar a vontade, que não lhe adiantaria nada.

Aí foi até Mariazinha, acordou-a com uma sacudidela e gritou:

- Acorda preguiçosa, vai buscar água e cozinha alguma coisa boa para teu irmão, que está lá fora no curral e precisa engordar. Quando ele estiver bem gordo, eu vou comê-lo.

Mariazinha começou a chorar amargamente, mas era tudo em vão, ela tinha de fazer o que a bruxa malvada mandava.

Agora o pobre Joãozinho era alimentado com a melhor comida, enquanto Mariazinha só ganhava cascas de caranguejo. Todas as manhãs a velha manquitolava até o curralzinho e dizia:

- Joãozinho mostra-me teus dedos, para eu sentir se já estas gordinho.

Mas Joãozinho lhe passava pela grade um ossinho de frango, e a velha, que tinha a vista fraca, não podia vê-lo e pensava que era um dedo do Joãozinho, e se admirava porque ele não queria engordar. Quando passaram quatro semanas e Joãozinho continuava magro, ela perdeu a paciência e não quis esperar mais.

- Aqui, Mariazinha! - gritou ela para a menina; - anda ligeiro e traz a água! O Joãozinho pode estar gordo ou magro, não importa; amanhã eu vou matá-lo e cozinhá-lo.

Ai, como se lamentava a pobre irmãzinha, obrigada a carregar a água, e como lhe escorriam as lágrimas pelas faces abaixo!

- Meu bom Deus, ajuda-nos! - exclamou ela, - antes as feras selvagens nos tivessem devorado na floresta, pelo menos teríamos morrido juntos!

- poupa-me esta choradeira, - disse a velha; - não vai te adiantar nada.

De manhã cedo Mariazinha teve de sair para pendurar o caldeirão com água e ascender o fogo.

- Primeiro vamos assar pão, - disse a velha, - eu já esquentei o forno e sovei a massa.

E ela empurrou a pobre Mariazinha para fora, para o forno de assar, do qual já escapavam as chamas do fogo.

- Enfia-te lá dentro, - ordenou a bruxa, - e vê se o fogo já está bem quente para que possamos empurrar o pão para dentro.

Assim que Mariazinha estava quase dentro, ela quis fechar o forno, para que Mariazinha lá ficasse assada, porque ela queria devorá-la também.

Mas Mariazinha percebeu o que a bruxa tinha em mente e disse:

- Não sei como fazer isso - como é que posso entrar lá?

- Menina burra, - disse a velha, - a abertura é grande o bastante; olha, eu mesma posso passar por ela, - e ela chegou pertinho e enfiou a cabeça no forno.

Então Mariazinha deu-lhe um empurrão tão forte que ela caiu lá dentro inteira, e a menina bateu a portinhola de ferro e puxou o ferrolho.

“Uuu!” Aí ela começou a uivar horrivelmente, mas Mariazinha saiu correndo e a bruxa perversa teve de perecer queimada.

Então Mariazinha correu direto para o Joãozinho, abriu o seu curralzinho e gritou:

- Joãozinho, estamos livres, a bruxa velha está morta!

Então Joãozinho saltou fora como um passarinho libertado da gaiola. Como eles ficaram felizes, como se abraçaram e pularam e se beijaram! E como não precisavam mais ter medo, eles entraram na casa da bruxa. E lá estavam, em todos os cantos, caixinhas cheias de pérolas e pedras preciosas.

- Estas são ainda melhores que as pedrinhas brancas, - disse Joãozinho, e encheu os bolsos com quanto cabia neles, e Mariazinha disse:

- Eu também quero levar alguma coisa para casa, - e encheu o seu aventalzinho.

- Mas agora vamos embora, - disse Joãozinho, - para que possamos sair dessa floresta enfeitada.

Depois que eles caminharam algumas horas, chegaram a um grande lago.

- Não podemos passar, - disse Joãozinho; - não vejo prancha nem ponte.

- E também não há barquinho nenhum, - respondeu Mariazinha, - mas lá está um pato branco nadando; se eu lhe pedir, ele nos ajudará. E ela gritou:

- Patinho, patinho, aqui estão Mariazinha e Joãozinho. Não vemos nem prancha nem ponte, leva-nos no teu alvo dorso!

O patinho aproximou-se logo, e Joãozinho montou nele e pediu que a irmãzinha montasse junto.

- Não, - disse Mariazinha, - assim será pesado demais para o patinho; ele que leva um de nós de cada vez.

Foi o que fez o bom animalzinho, e quando os dois já estavam seguros do outro lado, e caminharam um pouco mais adiante, o mato começou a parecer-lhes mais conhecido, e finalmente eles avistaram de longe a casa do seu pai.

Então eles puseram-se a correr, precipitaram-se para dentro da casa e caíram nos braços do pai.

O homem não tivera nem um momento de paz desde que deixara os filhos na floresta, mas a mulher já morrera.

Mariazinha sacudiu se aventalzinho, e as pérolas e as pedras preciosas saíram pulando pelo chão, e Joãozinho tirava dos bolsos um punhado atrás do outro e as juntava àquelas.

Então todas as tristezas tiveram fim, e eles viveram juntos e felizes.

4.3. A Gata Borralheira

A mulher de um homem rico ficou doente, e quando ela sentiu que seu fim se aproximava, chamou sua única filhinha para junto do seu leito e disse:

- Filha querida, sê devota e boa; então o bom Deus sempre te valerá, e eu olharei por ti lá do céu, e estarei perto de ti.

Então ela fechou os olhos e morreu.

A moça ia todos os dias para o túmulo da mãe e chorava, e continuava devota e boa. Quando o inverno chegou, a neve cobriu o túmulo com um lenço branco, e quando na primavera o sol o tirou de novo, o homem casou-se com outra mulher.

A mulher trouxera consigo para a casa duas filhas que eram bonitas e alvas de rosto, mas feias e negras de coração. E então começou uma época ruim para a pobre enteada.

- Essa bobalhona não tem de ficar na sala conosco, - diziam elas. - Quem quer comer pão, tem de trabalhar para merecê-lo! Para foram com essa criada.

Elas lhe tomaram os bonitos vestidos, deram-lhe um avental cinzento para vestir e tamancos de pau para calçar.

- Olhem só para a bela princesa, como está enfeitada! Exclamaram elas, e levaram a moça para a cozinha.

Lá ela tinha de fazer serviços pesados desde a manhã até a noite, levantar-se antes do amanhecer, carregar água, ascender o fogo, cozinhar e lavar. E ainda por cima as irmãs lhe causavam toda sorte de desgostos, zombavam dela e esparramavam as ervilhas e as lentilhas na cinza do borralho, para que ela tivesse de ficar a catá-las e separá-las de novo. À noite, cansada de trabalhar, ela não tinha cama, mas tinha que deitar nas cinzas ao lado do fogão. E porque ela, por causa disso, parecia sempre empoeirada e suja, elas a chamavam de Gata Borralheira.

Quando certo dia o pai ia viajar para uma feira, perguntou às enteadas o que elas queriam que ele lhes trouxesse.

- Lindos vestidos, - disse uma.

- Pérolas e pedras preciosas, - disse a outra.

- E tu, Gata Borralheira, - disse ele, - o que queres ganhar?

- Pai, o primeiro raminho que no caminho de volta roçar o teu chapéu, quebra-o e traze-o para mim.

Então ele comprou para as duas irmãs lindos vestidos, pérolas e pedras preciosas, e no caminho de volta, quando atravessava um mato verde, um ramo de noqueira esbarrou nele e arrancou-lhe o chapéu. Então ele quebrou o ramo e levou-o consigo.

Quando chegou em casa, deu às enteadas o que elas lhe pediram, e à Gata Borralheira ele entregou o raminho de noqueira.

Gata Borralheira agradeceu, levou o raminho para o túmulo da sua mãe e plantou-o ali, e chorou tanto, que suas lágrimas o molharam e regaram.

O ramo cresceu e transformou-se numa bela árvore. Gata Borralheira ia lá três vezes por dia, todos os dias, e chorava e rezava debaixo da árvore, e cada vez vinha o passarinho

branco, pousava na árvore, e sempre que a Gata Borralheira exprimia um desejo, o passarinho lhe jogava o que desejara.

Certa vez aconteceu que o rei deu uma festa que devia durar três dias, e para a qual todas as moças bonitas do reino foram convidadas, para que o seu filho escolhesse uma noiva dentre elas. Quando as duas irmãs ouviram que elas também eram convidadas, ficaram alegres e contentes, chamaram Gata Borralheira e disseram:

- Penteia nossos cabelos, escova nossos sapatos e aperta nossos colchetes; nós vamos à mostra de noivas no palácio real.

Gata Borralheira obedeceu, mas chorou, porque também gostaria de ir ao baile, e pediu à madrasta que a deixasse ir.

- Tu Gata Borralheira, - disse ela, - coberta de pó e sujeira, queres ir à festa? Não tens vestido nem sapatos e queres dançar?

Mas como a moça não parava de suplicar, ela disse por fim:

- Derramei uma bacia de lentilhas nas cinzas; se separares as lentilhas em duas horas, poderás vir conosco.

A moça saiu pela porta dos fundos, correu para o jardim e chamou:

- Pombinhas mansas, rolinhas brancas, todos os passarinhos debaixo do céu, venham ajudar-me a catar as lentilhas.

“As boas no potinho, as ruins no buchinho”.

Então vieram voando e entraram pela janela da cozinha duas pombinhas brancas e atrás delas as rolinhas, e finalmente todos os passarinhos debaixo do céu entraram ruflando as asinhas e pousaram nas cinzas do borralho. E as pombinhas baixaram as cabecinhas e começaram, pic-pic-pic, e os outros também, pic-pic-pic, a bicar, e a pôr todas as lentilhas boas na bacia. E mal passou uma hora, eis que eles terminaram tudo e voaram embora. Então a moça levou a bacia para a madrasta, muito contente, pensando que agora poderia ir à festa.

Mas a madrasta falou:

- Não Gata Borralheira, tu não tens roupa e não sabes dançar; todo o mundo só vai caçar de ti.

E quando a moça chorou de novo, ela disse:

- Se puderes catar das cinzas e escolher duas bacias de lentilhas em uma hora, então poderás vir, - e pensou: “Isto ela nunca vai conseguir”.

Quando ela derramou as duas bacias de lentilhas nas cinzas, a moça saiu correndo pela porta dos fundos para o jardim e chamou:

- Pombinhas mansas, rolinhas brancas, todos os passarinhos debaixo do céu, venham ajudar-me a catar as lentilhas.

“As boas no potinho, as ruins no buchinho”.

Então vieram voando e entraram pela janela da cozinha duas pombinhas brancas e atrás delas as rolinhas, e finalmente todos os passarinhos debaixo do céu entraram ruflando as asinhas e pousaram nas cinzas do borrarho. E as pombinhas baixaram as cabecinhas e começaram, pic-pic-pic, e os outros também, pic-pic-pic, a bicar, e a pôr todas as lentilhas boas na bacia. E antes que passasse meia hora, eles terminaram tudo e voaram todos embora. Então a moça levou as bacias para a madrasta, contentíssima, pensando que agora podia ir junto com elas para a festa.

Mas a malvada mulher falou:

- Nada disso vai adiantar; não virás conosco, porque não tens vestido e não sabes dançar; nós ficaríamos com vergonha de ti.

E com isso ela virou as costas à moça e saiu apressada junto com as suas filhas orgulhosas.

Quando, então, não estava mais ninguém em casa, Gata Borracheira foi para o túmulo da sua mãe debaixo da noqueira e falou:

“Sacode teus ramos, querida noqueira, Joga ouro e prata sobre a borralheira”.

Então o passarinho jogou-lhe um vestido de ouro e prata, e sapatinhos bordados de ouro e prata. Sem perda de tempo, Gata Borracheira vestiu-se e foi para a festa. As irmãs e a madrasta não a reconheceram e pensaram que ela era uma princesa estrangeira, tão linda ela estava no seu vestido de ouro. Elas nem pensaram na Gata Borracheira, achando que ela estava em casa, na cozinha, catando lentilhas nas cinzas do fogão.

O filho do rei veio ao seu encontro, tomou-a pela mão e dançou com ela. Ele não quis, dali em diante, dançar com mais ninguém, e não soltava a mão da moça, e quando vinha outro para convidá-la, ele dizia:

- Esta dançarina é minha.

Gata Borracheira dançou até anoitecer, então ela quis ir para casa. Mas o filho do rei falou:

- Eu vou junto para te acompanhar, - pois ele queria ver onde era a casa da bela moça.

Ela porém escapou dele e se escondeu dentro do pombal. Então o príncipe esperou até que chegasse o seu pai e lhe disse que a moça estranha pulara para dentro do pombal. O velho pensou: “Será que não é a Gata Borracheira?”, e tiveram que trazer-lhe a machadinha para ele poder rachar o pombal; mas dentro não havia ninguém.

Quando a madrasta e as suas filhas voltaram, Gata Borralheira estava deitada nas cinzas, com suas roupas sujas, e uma pequena lâmpada de azeite ardendo tristonha sobre o fogão, pois Gata Borralheira pulara ligeiramente pela parte de trás do pombal e corraera para a noqueira do cemitério. Lá ela deixara suas lindas roupas sobre o túmulo, e o passarinho as levava embora; e ela voltara para o seu borralho, na cozinha, com o seu velho avental cinzento.

No dia seguinte, quando a festa recomeçou e os pais e as irmãs já tinham saído, Gata Borralheira foi até a noqueira e disse:

“Sacode teus ramos, querida noqueira, Joga ouro e prata sobre a borralheira”.

Então o pássaro jogou-lhe um vestido ainda mais imponente que o da véspera. E quando a moça apareceu na festa com aquele vestido, todo mundo se espantou com a sua beleza. O príncipe porém já esperava por ela, e tomou-a logo pela mão e só dançou com ela. Quando os outros vinham convidá-la, ele dizia:

- Esta dançarina é minha.

Quando a noite caiu, ela quis ir embora, e o príncipe a seguiu, pois queria ver a casa onde ela entraria, mas ela lhe escapou e fugiu para o jardim atrás da casa. Ali havia uma árvore grande formosa, carregada de lindas peras. Gata Borralheira subiu por entre os galhos, ágil como um esquilininho, e o príncipe não sabia onde ela foi parar.

Mas ele esperou até que chegasse o pai e lhe disse:

- A moça estranha fugiu de mim, e acho que ela pulou na pereira.

O pai pensou: “Será que não é a Gata Borralheira?” - Mandou buscar a machadinha e derrubou a árvore, mas não havia ninguém nela.

Quando as outras voltaram, Gata Borralheira estava deitada lá nas cinzas, como sempre, porque ela pulara ao chão do outro lado da árvore, devolvera as lindas roupas ao pássaro da noqueira, e vestira o seu avental cinzento.

No terceiro dia, quando os pais e as irmãs já tinham saído, Gata Borralheira voltou para o túmulo da mãe e disse a arvorezinha:

“Sacode teus ramos, querida noqueira, Joga ouro e prata sobre a borralheira”.

Desta vez o pássaro lhe jogou um vestido que era tão suntuoso e cintilante como nenhum dos anteriores, e os sapatinhos eram de ouro puro. Quando ela chegou à festa naquele vestido, todo mundo ficou sem palavras, tal era o espanto. O príncipe só dançou com ela, e quando alguém vinha convidá-la, ele dizia:

- Esta dançarina é minha.

E quando anoiteceu, Gata Borracheira quis ir embora, e o príncipe queria acompanhá-la, mas ela lhe escapou tão ligeira que ele não conseguiu segui-la. Mas o príncipe usara de ardil, mandando untar com piche a escadaria inteira. E então, ao fugir, o sapatinho esquerdo da moça ficou grudado num degrau.

O príncipe levantou-o, e era pequenino e gracioso e todo de ouro. No dia seguinte ele foi ao seu pai e lhe disse:

- Nenhuma outra será minha esposa a não ser aquela em cujo pé couber este sapatinho de ouro.

Então as duas irmãs ficaram muito contentes, porque tinham pés bonitos. A mais velha entrou no quarto e quis experimentar o sapatinho, e sua mãe ficou junto dela. Mas ela não conseguia fazer caber nele o dedão do pé. Então a mãe lhe entregou uma faca e disse:

- Corta fora esse dedão! Quando fores rainha, não precisarás mais andar a pé.

A moça decepou o dedo, forçou o pé para entrar o sapatinho, disfarçou a dor e foi ao encontro com o príncipe. Então ele a pôs como noiva em seu cavalo e partiu com ela. Mas eles tinham de passar pelo túmulo, onde as duas pombinhas estavam pousadas na nogueira, e elas cantaram:

“Purr-purr, purr-purr, purrinho,
Sangue no sapatinho,
Não cabe no seu pé,
A noiva esta não é”.

Então o príncipe olhou para o pé e viu o sangue escorrendo. Ele fez o cavalo dar meia volta, devolveu a falsa noiva à casa e disse que ela não era a certa, e que a outra irmã provasse o sapato. Então esta entrou no quarto, e conseguiu enfiar os dedos do pé, mas o calcanhar era grande demais. Então a mãe lhe entregou uma faca e disse:

- Corta fora um pedaço do calcanhar! Quando fores rainha, não precisará mais andar a pé.

A moça decepou um pedaço do calcanhar, focou o pé no sapato, disfarçou a dor e saiu ao encontro do príncipe. Então ele a pôs no seu cavalo como sua noiva e partiu com ela. Quando eles passaram pela nogueira, lá estavam as duas pombinhas, que cantaram:

“Purr-purr, purr-purr, purrinho,
Sangue no sapatinho,
Não cabe no seu pé,
A noiva esta não é”.

Ele olhou de novo para o seu pé e viu o sangue escapando e subindo pela meia branca, toda vermelha. Então ele fez o cavalo voltar e devolveu a falsa noiva à sua casa.

- Esta não é a certa, - disse ele, - a senhora não tem outra filha?

- Não disse o marido; - só da minha esposa falecida temos aqui uma pequena e insignificante Gata Borracheira; não é possível ser ela a noiva.

O príncipe disse que a mandassem subir, mas a madrasta respondeu:

- Oh, não, a moça é muito sujinha, ela não pode se mostrar a ninguém.

Mas ele queria vê-la de qualquer forma, e tiveram de chamar a Gata Borracheira. Então ela lavou as mãos e o rosto, apareceu e curvou-se diante do filho do rei, que lhe estendeu o sapatinho de ouro.

Aí ela sentou-se sobre um banquinho, tirou o pé do pesado tamanco de madeira e enfiou-o no sapatinho, que se adaptou com perfeição. E quando ela se levantou, e o príncipe a fitou no rosto, reconheceu a bela moça que dançara com ele, e exclamou:

- Esta é a noiva verdadeira!

A madrasta e suas irmãs se assustaram e empalideceram de raiva. Ele porém pôs a Gata Borracheira sobre o seu cavalo e partiu com ela.

E quando eles passaram pela noqueira, as duas pombinhas brancas arrulharam:

“Purr-purr, purr-purr, purrinho,
Sem sangue no sapatinho,
que coube no seu pé,
A noiva é esta, é!”

4.4. Branca de Neve

Era uma vez em pleno inverno, os flocos de neve caíam do céu como penas. Uma rainha estava sentada costurando, ao lado de uma janela que tinha esquadrias de negro ébano. E quando ela costurava assim, lançou um olhar para a neve e picou o dedo com a agulha, e três gotas de sangue pingaram na neve. E porque o vermelho do sangue na neve branca ficava tão bonito, ela pensou consigo: “Ah, se eu tivesse uma filha tão alva como a neve, tão rubra como o sangue e tão negra como a madeira da janela!”

Pouco tempo depois ela ganhou uma filhinha, que era tão branca como a neve, tão corada como o sangue e de cabelos tão negros como o ébano da janela, e por isso foi chamada Branca de Neve. E quando a criança nasceu, a rainha morreu.

Um ano depois, o rei tomou outra esposa. Era uma bela mulher, mas orgulhosa e arrogante e não suportava que alguém a superasse em beleza. Ela possuía um espelho maravilhoso. Quando se punha na sua frente e se mirava nele, dizia:

“Espelho, espelho, fala e diz:
Quem é a mais bela em todo país?”

O espelho respondeu:

“Senhora rainha, vós sois a mais bela”.

E ela ficava satisfeita, porque sabia que o espelho só falava a verdade.

Mas Branca de Neve ia crescendo e ficando cada vez mais bonita, e quando estava com sete anos de idade, já era tão linda quanto o dia claro e mais bela que a própria rainha. E quando um dia a rainha perguntou ao espelho:

“Espelho, espelho, fala e diz:
Quem é a mais bela em todo país?”

O espelho respondeu:

“Senhora rainha, sois muito linda,
mas Branca de Neve é mais bela ainda”.

Então a rainha levou um susto e ficou amarelada e verde de inveja. E dessa hora em diante, seu coração se revirava no peito quando ela olhava para Branca de Neve, de tanto ódio que ela sentia pela menina. E a inveja e o orgulho cresciam como ervas daninha no seu coração, cada vez mais, e ela não tinha mais paz nem sossego, nem de dia nem de noite.

Então ela chamou o caçador e lhe disse:

- Leva a menina para o meio da floresta, não quero tê-la diante dos meus olhos. Tu deverás matá-la e trazer-me seu pulmão e seu fígado como provas.

O caçador obedeceu e levou a menina embora. Mas quando ele puxou o arcabuz e quis varar o inocente coração de Branca de Neve, ela começou a chorar e falou:

- Meu bom caçador, poupa a minha vida! Eu vou entrar na floresta selvagem e não voltarei nunca mais!

E como ela era tão linda, o caçador compadeceu-se e disse:

- Pois corre e foge, pobre criança.

“As feras selvagens te devorarão logo”, pensou ele consigo mesmo, mas mesmo assim sentiu como se uma pedra lhe caísse do coração, porque não precisou matar a menina. E como naquele momento passasse por ali, pulando, um veadinho novo, ele o matou, tirou seu pulmão e seu fígado, e levou-os a rainha, como prova. O cozinheiro teve de assá-los com sal, e a malvada mulher comeu-os, pensando que comia o pulmão e o fígado de Branca de Neve.

Agora a pobre criança estava no meio da grande floresta, sozinha e desamparada, e tinha tanto medo, que olhava para todas as folhas nas árvores, sem saber o que fazer. E ela pôs-se a correr, e corria por entre espinheiros e sobre pedras pontiagudas, e as feras selvagens passavam por ela, mas não lhe faziam mal nenhum. Ela correu enquanto os seus pés agüentaram, até que começou a entardecer. Aí ela viu uma casinha pequenina, e entrou, para descansar.

Na casinha era tudo pequeno, mas tão gracioso e limpinho que nem dá para contar. Lá estava uma mesinha coberta de branco, com sete pequenos pratos, cada pratinho com a sua colherzinha, e também sete faquinhas e sete garfinhos, e ainda sete tacinhas. Junto à parede estavam sete caminhas, uma ao lado da outra, forradas com lençóis alvos como a neve. E porque Branca de Neve estava com tanta fome e sede, comeu de cada pratinho um pouco de verduras e pão, e bebeu de cada tacinha uma gota de vinho – porque não queria tirar tudo de um só.

Depois deitou-se, porque estava tão cansada, numa das caminhas, mas nenhuma serviu, uma era pequena demais, outra comprida demais, até que por fim a sétima ficou boa. E nesta ela ficou deitada, recomendou-se a Deus e adormeceu.

Quando ficou escuro de todo, chegaram os donos da casinha. Eram os sete anões que faziam mineração na montanha. Eles acenderam as suas sete velinhas, e quando a casinha ficou iluminada, perceberam que alguém estivera por ali, porque não estava tudo na perfeita ordem em que eles deixaram.

O primeiro disse: - Quem sentou-se na minha cadeirinha?

O segundo: - Quem comeu do meu pratinho?

O terceiro: - Quem mordeu o meu pãozinho?

O quarto: - Quem comeu da minha verdurinha?

O quinto: - Quem espetou com o meu garfinho?

O sexto: - Quem bebeu da minha tacinha?

E aí o sétimo olhou em volta e reparou que na sua cama havia um pequeno afundado, e ele disse: - Quem usou a minha caminha?

Os outros vieram correndo e gritaram:

- Na minha também alguém esteve deitado.

Mas quando o sétimo olhou para a sua cama, viu Branca de Neve deitada ali, dormindo. Então ele chamou os outros, que chegaram correndo, gritando de espanto, pegaram as suas sete velinhas e iluminaram Branca de Neve.

- Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! - gritaram eles, - que criança mais linda!

E ficaram tão contentes que não a acordaram, mas deixaram-na dormir sossegada. O sétimo, porém, dormiu com seus companheiros, uma hora com cada um, e aí a noite passou.

Quando amanheceu, Branca de Neve acordou, e tomou um susto quando viu os sete anões. Mas eles foram gentis e perguntaram:

- Como te chamas?

- Eu me chamo Branca de Neve, - respondeu ela.

- E como vieste parar na nossa casa? - continuaram os anões.

Então ela contou-lhes que a sua madrasta mandou matá-las; mas que o caçador poupou-a a vida, e aí ela correrão dia inteiro, até encontrar aquela casinha.

Os anões disseram:

- Se quiseres cuidar da nossa casa, cozinhar, arrumar as camas, lavar, costurar e tricotar, e manter tudo limpo e em ordem, poderás ficar conosco, e não te faltará nada.

- Sim, - disse Branca de Neve, - de todo coração; - e ficou com eles.

Ela mantinha-lhes a casa em ordem. De manhã os anões saíam para as montanhas e procuravam minérios e ouro, voltavam ao anoitecer, e a comida devia estar pronta para eles. O dia inteiro a menina ficava sozinha. E os bondosos anõezinhos a advertiam e diziam:

- Cuidado com a tua madrasta, ela saberá logo que estás aqui. Não deixes ninguém entrar!

A rainha, porém, que acreditava ter comido o pulmão e o fígado de Branca de Neve, pensou que era de novo a mais bela, foi ao seu espelho e disse:

“Espelho, espelho, fala e diz:
Quem é a mais bela em todo país?”

E o espelho respondeu:

“Senhora rainha, sois muito linda,
Mas Branca de Neve, lá na casinha
Dos sete bondosos anõezinhos
É muito e muito mais bela ainda”.

Aí ela ficou assustada, porque sabia que o espelho não mentia, e percebeu que o caçador a enganara e que Branca de Neve continuava viva. E aí ela pensou em como acabar

com a vida da menina; porque enquanto ela não fosse a mais bela de todo o reino, a inveja não lhe daria paz nem sossego.

Quando finalmente ela inventou alguma coisa, pintou o rosto, vestiu-se como uma velha vendedora ambulante, e ficou completamente irreconhecível. Neste disfarce ela foi por cima das sete montanhas até a casa dos sete anões, bateu na porta e gritou:

- Boas mercadorias à venda!

Branca de Neve espiou pela janela e falou:

- Bom dia, boa mulher, o que tens para vender?

- Mercadoria boa, bonita mercadoria, - respondeu ela, - corpetes de todas as cores, - e mostrou um, todo tecido de seda multicolor.

“Esta honesta mulher eu posso deixar entrar”, pensou Branca de Neve; destrancou a porta e comprou o bonito corpete.

- Menina como está mal arrumada! Vem, eu te arrumo direito.

Branca de Neve, que não desconfiava de nada, colocou-se na frente da mulher e deixou que ela apertasse o corpete novo. Mas a velha apertou-o depressa, e apertou-o com tanta força, que Branca de Neve ficou sem respiração e caiu como morta.

- Agora já foste a mais bela, - disse a rainha malvada, e saiu às pressas.

Pouco depois, na hora do anoitecer, os sete anões voltaram para casa. Mas como se assustaram, quando viram a sua querida Branca de Neve caída no chão, sem se mexer, como se estivesse morta!

Ergueram-na do chão, e quando viram que ela estava apertada demais no corpete, cortaram-no depressa. Aí ela começou a respirar devagarinho, e pouco voltou a si e reviveu.

Quando os anões souberam o que tinha acontecido, disseram:

- A velha vendedora não era outra senão a malvada rainha. Toma cuidado e não deixes pessoa alguma entrar quando nós não estamos contigo!

Mas a malvada mulher, assim que chegou na casa, postou-se na frente do espelho e perguntou:

“Espelho, espelho, fala e diz:

Quem é a mais bela em todo país?”

E ele respondeu como antes:

“Senhora rainha, sois muito linda,

Mas Branca de Neve, lá na casinha

Dos sete bondosos anõezinhos
É muito e muito mais bela ainda”.

Quando ela ouviu isso, o sangue ferveu-lhe no coração, de susto, porque sabia agora que Branca de Neve estava viva outra vez.

- Mas agora, - disse ela, - vou inventar uma coisa que dará cabo de ti.

E com artes de feitiçaria, que conhecia bem, a rainha fez um pente envenenado. E então se disfarçou, assumindo o aspecto de outra mulher velha e foi assim, por cima dos sete montes, para a casa dos sete anões; bateu na porta e gritou:

- Boas mercadorias à venda!

Branca de Neve espiou para fora e disse:

- Passe adiante, eu não posso deixar ninguém entrar.

- Mas só olhar te é permitido, decerto, - disse a velha; tirou o pente envenenado e levantou-o para o alto. A menina gostou tanto dele que se deixou enganar e abriu a porta.

E quando elas acertaram a compra, a velha disse:

- Agora eu vou te pentear direitinho.

A pobre Branca de Neve não pensou em nada e deixou a velha penteá-la. Mas nem bem ela pôs o pente nos seus cabelos, o veneno agiu e a moça caiu sem sentidos.

- Pronto, ó modelo de beleza, - resmungou a velha malvada, - agora chegou o teu fim; e foi embora.

Por sorte anoiteceu logo, e os sete anõezinhos voltaram para casa.

Quando viram Branca de Neve caída no chão, como morta, desconfiaram logo da madrasta, procuraram e encontraram o pente envenenado. E assim que eles o tiraram, Branca de Neve voltou a si contou o que acontecera. Então eles a advertiram de novo, para que tivesse cuidado e não abrisse a porta para ninguém.

A rainha, em casa, foi para o espelho e disse:

“Espelho, espelho, fala e diz:
Quem é a mais bela em todo país?”

E ele respondeu como antes:

“Senhora rainha, sois muito linda,
Mas Branca de Neve, lá na casinha

Dos sete bondosos anõezinhos
É muito e muito mais bela ainda”.

Quando ela ouviu a fala do espelho, tremeu de raiva e ódio.

- Branca de Neve tem de morrer! - gritou ela, - ainda que isto me custe a própria vida!

E fechou-se num quarto secreto e solitário, onde ninguém entrava, e preparou uma maçã venenosa. Por fora era uma fruta bonita, branca, de bochechas vermelhas, de dar água na boca de quem a visse; mas quem comesse um pedaço dela, tinha de morrer.

Quando a maçã ficou pronta, a rainha pintou o rosto e se disfarçou em camponesa. E assim ela foi e passou os sete montes até a casa dos sete anões. Bateu na porta; Branca de Neve pôs a cabeça para fora da janela e disse:

- Eu não posso deixar ninguém entrar, os sete anões me proibiram.

- Para mim está bem, - respondeu a camponesa, - vou acabar me livrando das minhas maçãs! Aqui, quero dar-te uma de presente.

- Não, - disse Branca de Neve, - não posso aceitar nada.

- Tens medo de veneno? - disse a velha; - olha, vou cortar a maçã em duas metades: tu comerás a bochecha vermelha, e eu, a branca.

Mas a maçã fora preparada com tanta arte, que só o lado vermelho estava envenenado.

Branca de Neve olhou para a linda maçã, e quando viu que a camponesa comia dela, não conseguiu resistir mais, estendeu a mão e pegou a metade venenosa. Mas mal ela mordeu o primeiro bocado, caiu no chão, morta. A rainha examinou a mocinha com olhos cruéis, soltou uma gargalhada e zombou:

- Branca como a neve, rubra como o sangue, negra como o ébano! Desta vez os anões não poderão te acordar.

E quando em casa ela perguntou ao espelho:

“Espelho, espelho, fala e diz:
Quem é a mais bela em todo país?”

E o espelho finalmente respondeu:

“Senhora rainha, vós sois a mais bela”.

E então o seu invejoso coração sossegou o quanto um coração invejoso pode sossegar.

Quando os anõezinhos chegaram em casa ao anoitecer, encontraram Branca de Neve caída no chão, e não saía alento nenhum da sua boca, porque ela estava morta. Eles a levantaram, procuraram ver se encontravam alguma coisa venenosa, soltaram seu corpete, pentearam seus cabelos, lavaram-na com água e vinho, mas nada adiantou; a querida menina estava morta e continuou morta.

Eles colocaram-na sobre uma maca e sentaram-se ao lado dela e lamentaram-na e choraram durante três dias. Então quiseram enterrá-la, mas ela ainda parecia tão viçosa como uma pessoa viva, e tinha ainda as faces coradas. E eles disseram:

- Não podemos sepultar a menina na terra escura.

E mandaram fazer um caixão de vidro transparente, para se poder ver a menina de todos os lados, colocaram-na dentro e escreveram o seu nome nele, com letras de ouro, e que ela era uma princesa. Um deles ficava sempre ao seu lado, montando guarda ao esquife. E os animais também vieram e choraram por Branca de Neve, primeiro uma coruja, depois um corvo e por fim uma rolinha.

E Branca de Neve ficou muito, muito tempo naquele caixão, e não deteriorou, mas parecia estar dormindo; porque ela continuava branca como a neve, rubra como o sangue e de cabelos negros como ébano.

Aconteceu que um dia um príncipe passeava pela floresta e chegou à casa dos anões, para ali passar a noite. Ele viu o caixão no monte, e dentro a bela Branca de Neve, e leu o que lá estava escrito em letras de ouro. Então ele disse aos anões:

- Entreguem-me o caixão, eu lhes darei o que quiserem por ele.

Mas os anões responderam:

- Não entregaremos nem por todo ouro do mundo!

Aí ele disse:

- Então dêem-me o caixão de presente, porque eu não posso viver sem ver Branca de Neve! Eu a respeitarei e amarei como o meu bem mais precioso.

E quando ele falou assim, os bons anões sentiram pena dele e deram-lhe o caixão. E o príncipe mandou que seus servos o levassem nos ombros. Aí aconteceu que eles tropeçaram em uma raiz, e com a sacudidela, o pedaço de maçã envenenada que Branca de Neve mordera saltou de sua garganta. Logo depois ela abriu os olhos, levantou a tampa do caixão, sentou-se e ficou viva de novo.

- Ai, meu Deus, onde é que eu estou? - exclamou ela.

O príncipe falou, cheio de alegria:

- Tu estás comigo, - e contou o que tinha acontecido. E disse:

- Eu te amo mais que tudo no mundo; vem comigo para o castelo do meu pai, para seres minha esposa.

E Branca de Neve ficou feliz e foi com ele, e o seu casamento foi celebrado com grande pompa e riqueza.

Mas para a festa também foi convidada a malvada madrasta de Branca de Neve. E assim que ela se vestiu com seus lindos trajes, foi para o espelho e disse:

“Espelho, espelho, fala e diz:
Quem é a mais bela em todo país?”

E o espelho respondeu:

“Senhora rainha, sois muito linda,
Mas a jovem rainha é muita mais bela ainda”.

Então a malvada mulher soltou uma praga, e ficou com tanto medo que não conseguia se conter. Primeiro ela não conseguiu ir à festa de casamento; mas ela não tinha sossego, teve de ir para ver a jovem rainha. E quando ela entrou no salão, reconheceu Branca de Neve, e de susto e medo, ficou lá parada sem poder se mover.

Mas lá já estavam preparadas para ela pantufas de ferro sobre carvões acesos, e elas foram trazidas com tenazes e colocadas diante da malvada mulher. Então ela teve de calçar as pantufas rubras em brasa, e dançar até cair morta no chão.

4.5. Reflexão acerca dos contos selecionados

Verifica-se que todos os contos apresentados representam uma possível resolução para os conflitos internos infantis, uma vez que ao ouvi-los existe a possibilidade das crianças projetarem inconscientemente uma parte delas mesmas, em vários personagens das histórias retratadas, o que de uma maneira geral, poderá refletir encantamento e um tipo de magia.

Os contos de fadas, ao que tudo indica, fazem parte da vida, pois os enredos reproduzem, de uma forma ou outra, as histórias de vida das crianças. Ou seja, o herói sai de casa, passa por privações, encara as dificuldades, enfrenta vários perigos, conhece a maldade e a bondade, saindo sempre como vencedor no final.

Tais confrontos são inerentes à criança, uma vez que ela sai de casa para ir a escola, por exemplo, desliga-se dos pais, faz amigos, enfrenta situações de risco, o que significa que está explorando o mundo a sua volta, assim como os heróis dos contos de fadas.

O importante é auxiliá-las a identificarem a relação existente entre os contos de fadas e a subjetividade, propiciando criar condições para que elas possam elaborar tais conflitos.

De acordo com Setton (1999, p. 72) a socialização pode ser, muitas vezes, definida como processo de condicionamento e controle da sociedade sobre os indivíduos, assim como um processo de aquisição de conhecimento e aprendizado, interiorização de padrões de conduta que torna o indivíduo mais humano e civilizado.

Nesse caso, a socialização é um dos fatores responsáveis pelo processo de aprendizagem, que se dá através da interação com ambiente em que vive o ser humano.

Os contos de fadas podem promover discussão, reflexão, emissão e justificativas de opiniões, o que é benéfico, pois é possível, através deles confrontar o bem e o mal, o correto e o errado.

De acordo com Vinha (2000), conforme a criança vai desenvolvendo sua moralidade, os julgamentos vão tornando-se mais estruturados e complexos, evoluindo cada vez mais.

Observa-se que todos os contos abrem espaço para discussão, reflexão, emissão de opiniões e justificativas, que podem ser aproveitados pelos educadores, pais ou mães, proporcionando, desta forma, o desenvolvimento da moralidade e uma forma de fazer com que as crianças busquem soluções para seus conflitos, cuja preocupação deve envolver o desenvolvimento dos sentimentos ou intenções morais, padrões éticos, assim como comportamentais.

Os contos selecionados despertam emoções, as quais não devem ser evitadas, pois promove o pensar e o sentir, e a organização de pensamentos é influenciada por sentimentos do ser humano, sendo o sentir configura a forma de pensar.

Foi possível, verificar que existe realismo nos personagens dos contos selecionados, os quais possuem características humanas, razão pela qual, podem ser considerados representantes, no mundo do faz-de-conta, que pode ser comparado com o mundo em que a criança vive, com os seres com os quais ela convive.

Todos eles retratam angústia, medo, instinto infantil, o que propicia a possibilidade de inventar, criar, imaginar e ainda permitir que a criança se refugie nos momentos de conflito, de angústia.

Os contos de fadas representam uma variação do conto popular ou fábula e surgiram no Brasil e em Portugal por volta do século XIX, denominados de contos da carochinha, termo esse substituído por contos de fadas, no século XX.

De acordo com Propp (1984), as características dos contos de fadas são: (a) podem contar ou não com a presença de fadas, mas fazem uso de magia e encantamentos; (b) seu núcleo problemático é existencial (o herói ou a heroína busca a realização pessoal); (c) os obstáculos ou provas constituem-se num verdadeiro ritual de iniciação para o herói ou heroína; e, (d) sua origem é celta.

Afirma ainda que, no geral, apresentam ações iguais, as quais são atribuídas a personagens diferentes nos contos de fadas. Nesse sentido, foram elaboradas quatro teses principais: (1) os elementos constantes, permanentes, do conto maravilhoso (incluindo os contos de fadas) são as funções dos personagens, independentemente da maneira pela qual eles as executam. Essas funções formam as partes constituintes básicas do conto; (2) o número de funções dos contos de magia conhecidos é limitado; (3) a seqüência das funções é sempre idêntica; (4) todos os contos de magia são monotípicos quanto à construção.

As características acima mencionadas são apresentadas em todos os contos selecionados.

Levando-se em conta que o aspecto social, preocupa-se com o desenvolvimento moral e social, através dos contos de fadas é possível criar um ambiente favorável à interação social entre a criança e os seres com as quais ela convive, o que envolve capacidade de cooperar, de resolver problemas, enfrentar desafios e vencer obstáculos. Para tanto, será necessário auxiliá-la, com o objetivo de que a mesma adquira noções de respeito mútuo, solidariedade e reciprocidade.

Verifica-se, por meio da análise dos contos selecionados que estes podem ser ferramentas úteis, apesar dos mesmos, inicialmente, possuírem o papel de encantar e entreter as crianças. Conforme foi exposto, o valor dos mesmos está na possibilidade de auxiliá-las na resolução de conflitos internos decorrentes do crescimento.

Cabe, portanto, tanto à escola quanto aos pais, o papel de transmitir conhecimentos à criança, conforme foi exposto. Nesse caso, o conto pode ser colocado no lugar de um fato, desde que lhe seja dado sentido, traduzindo tanto uma verdade quanto uma ficção.

Dessa forma, é possível que ambos, crianças e adultos construam o conhecimento, cumprindo assim as tarefas que lhe são inerentes, considerando que o processo de aprendizagem se constrói por meio de indagações e aspirações humanas, como por exemplo,

sentimentos de afeição, amor, atitudes de interesse, responsabilidade, integridade, liberdade, normas, valores, dentre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não resta a menor dúvida de que o objetivo do estudo foi alcançado, pois foi possível verificar que os contos de fadas podem contribuir para a construção do conhecimento e aprendizagem das crianças.

Dentre os contos de fadas selecionados verificou-se que os mesmos propiciam várias oportunidades de mostrar às crianças o valor do respeito a si próprio e ao outro, da cooperação, dentre outros.

Surgem da cooperação, os sentimentos de justiça, daquilo que é justo e injusto, no entanto, é preciso considerar que a escola e a família devem auxiliá-las no sentido de coordenar diferentes perspectivas. As relações em questão são definidas pela reciprocidade e respeito mútuo.

Torna-se imprescindível promover o debate, procurar estabelecer um diálogo através de um ambiente cooperativo, sem, no entanto, tentar impor idéias, pois a criança deverá construir seus valores, princípios e normas gerais. Os contos de fadas podem auxiliá-la nesse processo, e cabe à escola e pais respeitar os sentimentos e idéias da mesma.

Essa postura deve prevalecer em todas as situações, cujo ambiente propicie liberdade para que a criança tome decisões, consiga identificar diferentes entre o bem e o mal, o bonito e o feio, experimentar estados afetivos diferentes, enfim que seja possível fortalecer o imaginário infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Celso. Educação infantil: prioridade imprescindível. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- ARANGUREN, J. L. Comunicação humana. (trad. Eduardo Almeida). São Paulo: Zahar/Edusp, 1975.
- ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In: AQUINO, Júlio Groppa. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- BEDRAN, Silvia. Como levar a família para a escola. São Paulo: Revista Direcional, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil Quinhentista. In: PRIORE, Mary Del. História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- CORTELLA, Mário Sérgio. A ética e a produção do conhecimento hoje. São Paulo: Pucviva, no. 27, 2006.
- DELVAL, J. e ENESCO, I. Moral, desarrollo y educacion. Madrid, Anaya, 1994.
- DUFRENNE, Mikel. La personalidad básica. Buenos Aires: Paidós, 1987.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart. Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da Educação Infantil. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1999.
- GRIMM, Jacob. Os contos de Grimm. Trad. BELINKY, Tatiana. São Paulo: Paulinas, 1989.
- KRUPPA, Sonia M. Portella. Sociologia da educação. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério 2º grau, Série formação do professor).
- FERREIRA, Roberto Leal & CABRAL, Álvaro. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LINTZ, Sebastião. O crime, a violência e a pena. Campinas, SP: Julex Livros, 1987.
- MAUD, M. A vida das crianças de elite durante o Império. In: PRIORE, Mary Del. História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000.
- NOSELLA, M. de L. C. D. As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos. Coleção Educação Universitária. São Paulo: Moraes, 1981.

- NOVA LDB: uma avaliação necessária. Suplemento de Educação. APEOESP: São Paulo, 1997.
- PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Atlas, 1986.
- PRIORE, Mary del. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a colônia e o Império. In: PRIORE, Mary Del. História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000.
- PROPP, Vladimir I. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro: Forense, 1984.
- REALE, Miguel. Filosofia do Direito. São Paulo: Saraiva, 1999.
- Revista Direcional Escolas.no. 1. São Paulo, 2005.
- RIZZINI, Irma. Pequenos trabalhadores do Brasil. In: PRIORE, Mary Del. História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000.
- SCATTOLINI, Neuza. Vida moderna. São Paulo: Atlas, 2005.
- SETTON, Maria da Graça J. As transformações do final do século: resignificando os conceitos de autoridade e autonomia. In: AQUINO, Júlio Groppa. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Educação, Ideologia e Contra Ideologia. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos da Educação e Ensino).
- SILVA, Alexander Meireles da. O conto de fada e a problemática do pertencimento social. Revista Espaço Acadêmico, n. 39, 1999.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro, REZENDE, Lúcia Maria Gonçalves de. Escola: Espaço político-pedagógico. Campinas/SP: Papirus, 1998.
- VINHA, Telma Pileggi. O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2000.

